NVMMVS

NUMISMÁTICA — MEDALHÍSTICA — ARQUEOLOGIA

BOLETIM DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

N.º 33

VOL. X-2

DEZEMBRO 1974

PORTO

NVMMVS

NUMISMATICA — MEDALHÍSTICA — ARQUEOLOGIA
BOLETIM DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

VOLUME X - 2 — N.º 33 DEZEMBRO DE 1974

PREÇO 100$00

Comissão de Publicações

Alexandre Ferreira Barros
Dr. António Francisco Teixeira
Dr. Armando J. Ribeiro Rodrigues
Carlos Morais Peixoto Braga
Dr. Damião António Peres
Eduard Marius van der Niepoort
Dr. Mário de Castro Hipólito
Dr. Raul Ferreira Gonçalves
Sec. — *Dr. A. F. Ramos dos Santos*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Sede
Rua Costa Cabral, 664 — P O R T O

Composição e impressão:
TIP. RAMOS DOS SANTOS & C.ª, Lda.
Rua Visconde de Setúbal, 134 — PORTO

SUMÁRIO

	Págs
O Centenário de uma obra de Numismática, Teixeira de Aragão (Breve nota bibliográfica)	1- 7
Do modesto discípulo — Ao Mestre Teixeira de Aragão, *por Valdemar Cordeiro*	9- 14
O Aureus do Tesouro de Casal, Friume, *por Mário de Castro Hipólito*	15- 26
Évora Ceca Visigoda, *por Felipe Mateu y Llopis*	29- 36
Moedas Romanas encontradas no termo de Numão, *por J. A. Pinto Ferreira*	37- 50
Um Dinheiro não referenciado de D. Fernando I, *por Avelino Braga*	51- 52
1$000 Reis de 1879: Um cunho não aprovado, *por António M. Trigueiros*	53- 62
Acuñacion de Juan I de Castilla como Rey de Portugal, *por A. Orol Pernas*	65- 72
Portugueses de D. Manuel I, *por Joaquim Ferraro Vaz*	73- 80
Outro achado de moedas romanas em Coruche, *por Joaquim M. R. Telles*	81- 88
Biblioteca	89- 92
Vida Social	93-105

As doutrinas expendidas são da responsabilidade dos Autores.

A colaboração neste Boletim é facultada a todos os sócios da Sociedade Portuguesa de Numismática que queiram dar o seu contributo para o progresso desta ciência histórica.

Os artigos serão inscritos, sempre que possível, de acordo com a cronologia dos materiais estudados, paginação e distribuição de gravuras.

NVMMVS

BOLETIM DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

N.º 33

VOL. X-2

DEZEMBRO 1974

PORTO

O CENTENÁRIO DE UMA OBRA DE NUMISMÁTICA

Decorreram cem anos sobre a data da publicação do 1.º volume da *«Descripção Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal»* da autoria do Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão.

Não quiz a Sociedade Portuguesa de Numismática deixar passar em claro tão importante efeméride histórica, ponto de partida para todo o movimento numismático moderno da pátria lusitana.

Considerou a S.P.N. a publicação de um número especial de NVMMVS que, embora incluído na seriação numérica normal desta publicação, incluisse trabalhos de autores numismáticos contemporâneos, de homenagem ao seu autor, e comemorativo do centésimo aniversário da sua importante obra, valioso contributo para o desenvolvimento e para o estudo da numismática portuguesa.

Ao apelo da Direcção da S.P.N. responderam os autores cujos trabalhos adeante se publicam aos quais a S.P.N. aqui manifesta a expressão do seu melhor reconhecimento.

Solicitou-se e recebeu-se ainda a colaboração do ilustre numismata Sr. Engenheiro Agostinho Ferreira Gambetta, que prontamente acedeu a satisfazer a nossa solicitação. Muito a pesar nosso não se insere neste número de NVMMVS a sua colaboração apenas por motivos de ordem técnica: os números desta revista não costumam, por via de regra, ultrapassar as 60 páginas; o trabalho do Sr. Eng.º Gambetta ocuparia cerca de 90, o que ultrapassaria de muito longe as suas dimensões. São os *«Ceitis de D. Afonso V — Sua origem e evolução»* trabalho de fôlego, que muito honraria as colunas de NVMMVS, e que a S.P.N. teria muito prazer em editar.

Não foi, todavia, possível incluí-lo neste número comemorativo. Para o seu autor a quem felicitamos vivamente pela obra realizada, que vem preencher uma importante lacuna, facilitando o estudo desses importantes e difíceis espécimes da numária lusitana que são os ceitis, com os nossos sinceros agradecimentos, vão também as nossas desculpas.

A. C. Teixeira de Azevedo

Composta por três volumes, como atrás dissemos, o primeiro e o segundo dizendo respeito às moedas de Portugal metropolitano, o terceiro incluindo moedas do Estado da Índia e da África Oriental, a *Descripção Geral das Moedas* ficou por completar, pois Teixeira de Aragão trabalhava para a publicação do quarto, tratando das moedas da África Ocidental e do Brasil, o qual se encontrava bastante adiantado, tendo já, até, as suas estampas impressas, quando a morte o surpreendeu, quase com oitenta anos de idade, pois faleceu a vinte e nove de Abril de 1903, tendo nascido a quinze de Junho de 1823.

Quando da Exposição Universal de paris, em 1867, deslocou-se àquela cidade, encarregando-se da secção da História do Trabalho. Foi notável, aí, o esforço que dispendeu em prol da Numismática tendo organizado uma exposição de moedas portuguesas que teve brilhante sucesso e muito prestigiou o nome de Portugal. É excelente documento desta sua actividade o catálogo que então publicou sob o título de «*Histoire du Travail*».

Médico distinto, dedicou-se Aragão à carreira militar, tendo, no posto de coronel, atingido o mais alto cargo da sua gerarquia ao ser nomeado cirurgião-chefe do Exército. Foi ainda professor catedrático de Higiene da Escola do Exército e, como atrás dissemos, director do Gabinete de Numismática de El-Rei D. Luís.

Espírito cultíssimo, devotado abertamente à recolha de tudo o que dissesse respeito ao património histórico da sua Pátria, era Aragão sócio de inúmeras instituições científicas e históricas tanto nacionais como estrangeiras. O seu nome figurava entre os dos membros da Academia das Ciências, da Sociedade de Ciências Médicas, da Sociedade de Geografia, da Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses, do Instituto Politécnico Português e do Instituto de Coimbra, no nosso país. Das instituições estrangeiras citaremos o Instituto Vasco da Gama do Rio de Janeiro, o Instituto Geográfico Argentino, o Instituto do Brasil, a Academia Francesa, a Academia de Roma, a Sociedade Numismática Belga e o Instituto Histórico de S. Paulo, do qual era sócio honorário.

Possuia Aragão altas condecorações das nossas Ordens de Avis, de Cristo, e da Torre Espada, e ainda das de Carlos III de Espanha, do Sião, da Tunísia, da Áustria, etc.

Quando Teixeira de Aragão concluiu o seu importante trabalho, obra de longos anos de aturados estudos e canseiras, não encontrou editor que se abalançasse à sua publicação, dado que sendo diminuto o número de cultores da numismática e do coleccionismo de moedas no nosso país

a sua edição daria certamente prejuizo. Felizmente que, dado o interesse da pessoa real de D. Luís pelas coisas da numismática a sua influência levou o governo a votar a verba necessária para que a Imprensa Nacional se encarregasse da sua publicação.

Decorridos anos a edição esgotou-se, e, agora, uma editora portuense, a «Livraria Fernando Machado», toma a iniciativa da sua 2.ª edição que foi publicada em 1964, com o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Numismática.

Havemos de convir que esta reedição, ocorrida nos nossos dias terá sido talvez a maior consagração da obra do Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão.

DO MODESTO DISCÍPULO — AO MESTRE TEIXEIRA DE ARAGÃO

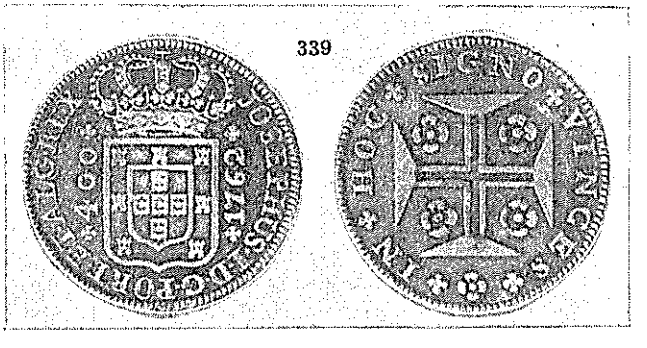
pelo ENG.º VALDEMAR CORDEIRO

«Meu rapaz, a moeda é muito vulgar, mas se desejares mais saber sobre o assunto, consulta a obra Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal.»

Abade de Baçal

O nosso interesse pela numismática nasceu praticamente há quarenta anos — cursávamos então o primeiro ano liceal — com a aquisição de um velho cruzado de D. José, pela importância, para nós e nessa altura verdadeiramente ruinosa, de quatro mil e quinhentos reis. Ainda hoje guardada com carinho, essa moeda assumiu na realidade a motivação directa do nosso interesse pela numismática, para a qual já nesses tenros anos sentiamos curiosidade e vocação, lançando-nos nos primeiros e titubiantes passos na senda da pesquisa da história dos dinheiros cunhados.

Enviado um grosseiro decalque da nossa «importante» aquisição ao arqueólogo Abade de Baçal, dele obtivemos rapidamente o apreço da mesma — e com ela o encaminhamento para a utilização e conhecimento da obra de Teixeira de Aragão — da qual pela primeira vez ouvimos falar.



... Eis o cruzado que em 1934 custou a "ruinosa" quantia de 4.50

Terminadas as férias desse já tão distante e saudoso primeiro ano liceal, regressámos a Bragança. Àvidamente procurámos por bibliotecas,

nas livrarias dos particulares, por toda a parte onde existiam livros, a obra recomendada pelo bondoso e sabedor Abade. Tudo em vão.

Porém o interesse pela consulta não morreu. E, passados cinco anos consegui — finalmente! — encontrar, na Biblioteca Municipal do Porto, um exemplar da «Descrição Geral das Moedas». É fácil imaginar a emoção, a religiosidade, com que pela primeira vez abrimos e folheámos o segundo volume — referente ao período cronológico que cobria a nossa incipiente «especialização». Perante os nossos olhos ávidos de rapaz, abria-se todo um universo maravilhoso, cheio de complexidade e de mistérios, barreira e desafio à pobre ignorância...

Esse foi talvez o momento que decidiu da nossa vocação numismática. As dificuldades e o aparente hermetismo da ciência que nos deslumbrava, longe de nos desanimar, acicatou-nos para um trabalho de consulta. Logo ali colhemos as primeiras notas, interessando naturalmente, as moedas de prata e cobre da 4.ª Dinastia, que pela sua acessibilidade, estavam mais ao alcance da magra bolsa estudantil.

Assim e mesmo antes do aparecimento dos catálogos de Ferraro Vaz (1948) e Batalha Reis (1956), com os seus elementos de valores e ordenamento cronológico — começámos já e definitivamente a nossa modesta carreira de numismáta. Sobre os apontamentos colhidos apressadamente na Biblioteca, iamos norteando as primeiras aquisições, feitas ao sabor de parcas possibilidades, na Feira da Ladra, em ferros-velho e antiquários, desbravando lentamente a nossa ignorância, sempre apoiados na sabedoria e infalibilidade do velho Mestre — Teixeira de Aragão.

Vai a Sociedade Portuguesa de Numismática comemorar o centenário do aparecimento da «Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal» — obra principal de A. C. Teixeira de Aragão.

Médico do século passado, Teixeira de Aragão, apaixonado coleccionador e numismáta, cedo se apercebeu da escassez de elementos bibliográficos existentes, escassez que limitava profundamente a difusão da numária no nosso país. Na realidade tais elementos resumiam-se praticamente às obras de Severim de Faria (1625), António Caetano de Sousa (1738), Frei Manuel do Cenáculo (1772), D. Tomás Caetano de Bem (1794), César Famim (1874) e Lopes Fernandes (1856) — aliás bem longe de firmarem uma fonte segura e ordenada do conhecimento numismal, pois caracterizavam-se pela sua grande complexidade e hermetismo, a par da falta de um claro e indispensável enquadramento cronológico.

Tal percepção está na raiz da gestação da obra principal de Teixeira de Aragão, a monumental «Descrição Geral das Moedas», que vem a publicar por volta de 1874, em três volumes («Moedas da 1.ª e 3.ª Dinas-

tias — 1140/1640», «Moedas da 4.ª Dinastia — 1640/1877», «Índia Portuguesa e África Oriental»), e que irão descrever o primeiro guia da numismática portuguesa.

A obra de Teixeira de Aragão constitui ainda hoje um verdadeiro manual de consulta e estudo, valorizado pela profusa ilustração desenhada de moedas, desde os antigos dinheiros batidos a martelo, às moedas cunhadas a balancé, às produzidas em prensas monetárias que então tinham surgido entre nós, obra científica que, na sua vastidão e monumentalidade, estabeleceu para a sua época e também nossos tempos, um padrão e uma peça chave da Numária Portuguesa.

Fundamentada no estudo aturado do material mais diverso — selos reais, codices, cartas régias, manuscritos — de busca difícil e de mais difícil interpretação, a «Descrição Geral das Moedas» é o fruto de grande parte da vida de Teixeira de Aragão dedicada a buscas incessantes entre a poeira dos arquivos e nos arcanos das bibliotecas, nas colecções, nas associações científicas, perseguindo dados e factos, decifrando pergaminhos vetustos e documentos quase ilegíveis. Vida de autêntica servidão à Numária, essa gémea da História — colocou todos os numismatistas portugueses na posição de devedores para com aquele que na realidade tornou vivo e aliciante o coleccionamento do dinheiro amoedado, gratidão que bem justifica que na mente de cada um de nós haja sempre um pensamento de admiração e respeito por aquele a quem tanto deve o conhecimento do nosso modesto monetário.

Teixeira de Aragão torna-se assim o verdadeiro e primeiro percursor da numismática nacional, abrindo aos coleccionadores incipientes uma fonte de informação precisa e clara, motivando e apoiando cientificamente o surgir das primeiras grandes colecções, entre as quais se destacam as de D. Luís I, Francisco Inácio de Mira (Beja), José Lamas (Lisboa), Gerson da Cunha (Goa), Joaquim José Judice dos Santos (Lisboa), Julius Meili (suiço muitos anos residentes em Lisboa), etc..

A despeito de terem surgido posteriormente alguns continuadores da obra de Teixeira de Aragão, entre os quais sobressaem Leite de Vasconcelos, Batalha Reis e Ferraro Vaz, a «Descrição Geral das Moedas» tem mantido a sua validade através dos tempos, constituindo para além da sua valia histórica e científica, uma fonte de informação prática de enorme utilidade para o estudioso e para o coleccionador, que nela vai beber conhecimentos preciosos, mormente no que respeita ao ordenamento cronológico des numismas e sua história. A obra de Aragão é o resultado de muito estudo e de invertigação, de uma devotada actividade intelectual e científica, a expressão de uma vontade inabalável de vencer o temeroso emaranhado dos séculos. Porém e mais do que isso, exprime no mais alto grau o seu desejo de servir a numismática, forne-

cendo a todos, do mais sábio ao mais ignaro, a súmula do seu estudo e conhecimento, numa dádiva desinteressada à causa da Numismática Nacional. Verdadeiro marco histórico, a «Descrição Geral das Moedas» dispara todo um processo de polarização de interesses e de gestação de entusiasmo em volta da moeda cunhada, podendo considerar-se a verdadeira pedra base do actual edifício da nossa numismática. Quantos coleccionadores, como nós, não foram beber os seus primeiros conhecimentos, tirar as suas primeiras dúvidas, fundamentar a sua paixão na obra de Teixeira de Aragão? Quantos, como nós, não teriam perdido, à face das dificuldades, o seu entusiasmo, sem os preciosos ensinamentos da «Descrição Geral»?

Sendo em numismática como em outro qualquer sector, o coleccionador sempre uma mente introvertida e egoísta, torna-se admirável que Teixeira de Aragão tenha devotado a sua vida à elaboração de bibliografia informativa, à junção e ordenamento de conhecimentos que legitimamente poderia reservar para si. Se é verdade que a sua obra principal lhe valeu, em 1876, o ingresso na Academia Real de Ciências, não é menos verdade que a real motivação do seu trabalho de estudo científico dos numismas foi sempre, não a mira das honrarias académicas, mas a necessidade de comunicação e partilha de conhecimentos, apanágio exclusivo dos verdadeiros cientistas e investigadores.

Outro aspecto notável da obra de Teixeira de Aragão é a paralelização do estudo numismático com os estudos históricos, na busca do correcto enquadramento da moeda cunhada na paisagem e fenomenologia histórica respectiva, paralelismo que, quanto a nós, promove a principal motivação do coleccionador esclarecido, que vê no numisma, mais do que o valor material ou estético, a sua representatividade histórica, o reflexo de uma época e de um estádio cultural, social e até político, O mesmo espírito preside à elaboração de outros trabalhos de Aragão, entre os quais se destaca a «Descrição Histórica das Moedas Romanas existentes no Gabinete Numismático de S. M. El-Rei D. Luís I», publicada em 1870, e que ainda hoje, passado mais de um século, forma o melhor elemento bibliográfico sobre o tema visado, impresso em português.

A «Descrição Geral das Moedas» fixa o repositório de milhares de moedas, batidas em todos os reinados, definindo, numa absoluta continuidade, a paisagística da evolução do dinheiro cunhado em Portugal, no que respeita a localização cronológica, raridade relativa, caracterização e valorização de então. Pasma-se da enormidade do trabalho de Teixeira de Aragão, sobretudo no campo estrito da investigação histó-

rica e da sistematização. Note-se, por exemplo, a cuidadosa análise dos numismas da primeira dinastia, de identificação e legibilidade tão difíceis, a dificílima localização cronológica das moedas batidas a martelo e das cunhagens mecânicas que as substituiram — sectores específicos que o trabalho do investigador torna acessível a todos os numismatas, para os quais à «Descrição Geral das Moedas» constitui e constituirá sempre um precioso instrumento de trabalho e estudo.

Como numismata apaixonado que somos, não podemos deixar de associarmo-nos às comemorações ligadas à publicação da obra prima de Teixeira de Aragão. Na nossa participação não há só a grande estima que pessoalmente sentimos pelo homem, na sua devotação à numismática, na sua sabedoria e modéstia, pela sua obra no campo da investigação e divulgação; há para além disso, a gratidão comovida do estudante de poucos anos, que nas páginas sofregamente devoradas encontrou a referência das suas primeiras moedas — e com essa referência a motivação de uma vida de coleccionador. Ao abrir a «Descrição Geral das Moedas», há já tantos anos, abriram-se para nós, como para tantos e tantos numismatas, novos caminhos de conhecimento, preciosos há um século, preciosos ainda hoje para todo aquele que jamais sentiu o fascínio irresistível e vivo de uma velha moeda...

Porto, 16-XII-1974

O AUREUS DO TESOURO DE CASAL, FRIUME[1]

por M. DE CASTRO HIPÓLITO

A circunstância da recente transacção da única moeda de ouro do tesouro de Casal, Friume, peça inventariada no *Diário do Governo* n.º 65, de 18 de Março de 1954, 2.ª série, deu-nos oportunidade de proceder ao exame directo deste numisma. Tal circunstância permite-nos dar do mesmo mais completa descrição da que foi publicada no já citado número de *Diário do Governo* e reproduzida por M. Ramires e ainda acrescentar algo sobre a sua identificação. Além da raridade do espécime, aspecto notado por M. Cardoso e M. Ramires, e do seu invulgar estado geral de conservação, como o salientou este último estudioso, a peça em análise constitui, dentro da numária de Domitianus e sob o ponto de vista artístico, o que se poderá chamar, com propriedade, uma unidade de primeira classe. Outros aspectos, como se verá, justificam que a peça seja objecto de exame [2].

Dado que ela foi já publicada em tamanho que é, sensivelmente, o seu tamanho natural, dá-se agora da mesma uma ampliação (cerca de 3 ¼). Se a cor é, regra geral, um elemento absolutamente dispensável

---

(1) Freg. de S. Salvador, conc. de Ribeira de Pena; cf. M. Ramires, «Tesouro monetário romano de Friume», *Nummus,* vol. II, n.º 6, Porto, 1954, pp. 74-80 = M. Castro Hipólito, «Dos tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga,* vols. II-III, Coimbra, 1960-1, p. 24-28 (tes. n.º 28).

Índice de abreviaturas:

BM — British Museum.

BMCE I, *BMCE* II (= *BMCE*), *BMCE* III — H. Mattingly, *Coins of the Roman Empire in the British Museum,* vol. I, London, 1923; *idem,* vol. II, id., 1930; *idem,* vol. III, id., 1936 (reimpressão, London, 1955, 1966, 1966, respectivamente).

C (= *Cohen*) — H. Cohen, *Description Historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain...*, 2.ª ed., vol. I, Paris, 1880 (reimpressão, Graz, 1955).

RIC — H. Mattingly and E. A. Sydenham, *The Roman Imperial Coinage,* vol. II, London, 1926 (reimpressão, London, 1968).

RICHCC — A. S. Robertson, *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet,* vol. I, Oxford, 1962.

(2) De momento apenas nos ocupamos do *aureus*. Em data oportuna não deixaremos de nos ocupar do achado em geral. Se não for antes, fá-lo-emos ao publicar um tesouro inédito, também integrando os dois metais e, *grosso modo,* da mesma cronologia.

3 — Ref. 145: Santamaria, 25/Maio/1926, lote 281.
4 — Ref. 305: peso: 7,77 gr.; Ars Classica XVIII, 10/Out./1938, lote 159 (a lápis, anotado, [colecção] Sartiges).
5 — Ref. 323: Glendining, 20/Fev./1951, lote 1704 (colecção U.J.E. Ryan).

Os resultados do estudo comparativo entre tal documentação e as nossas fotos do áureo de Casal podem sintetizar-se como segue. O áureo de Casal

a) provém do mesmo par de cunhos da peça n.º 5, conclusão que se nos afigura suficientemente segura dada a qualidade da fotografia e a circunstância da peça ser, de todas as 5, a melhor conservada;
b) pode provir igualmente do mesmo par de cunhos da peça n.º 2, muito especialmente no que se refere ao reverso que, se não é o mesmo, é extremamente similar;
c) provém, muito possivelmente, do mesmo cunho dos anversos das peças nos. 1 e 4, a qualidade da fotografia da peça n.º 3 não permitindo conclusões seguras;
d) poderá provir do mesmo cunho do reverso da peça n.º 3.

A circunstância da peça portuguesa ter aparecido em um tesouro era já, só por si, um dado de primeira qualidade. O estudo feito com a documentação ilustrada do BM arruma difinitivamente a questão. A genuinidade da peça encontrada em Portugal garantiria, se isso fosse necessário, a autenticidade de outras peças sobre as quais a suspeição decorreu, ou poderá ter decorrido, supomos, do factor raridade, aliado, muito possivelmente, a um certo conjunto de características da própria peça. Estas características justificam que se leve mais longe a análise.

Seja-nos permitido invocar aqui um dado de experiência pessoal. À data a que fomos chamados a proceder ao exame do áureo de Casal já tínhamos alguma experiência relativamente a peças de prata de Domitianus. Havíamos já estudado um tesouro com um razoável número de peças deste imperador e tínhamos, portanto, alguma familiaridade com um certo tipo de retrato do irmão Titus. À simples vista da imagem tornara-se-nos fácil reconhecer o retratado. Efectivamente, os anversos com os quais havíamos travado «pessoal» conhecimento caracterizavam-se por uma grande homogeneidade quer no tratamento da fisionomia, quer em particularidades de elementos secundários do tipo, tais como coroa, proporções relativas da cabeça, tipo de pescoço, orientação da cabeça,

a normal ausência de busto típico, etc. Ora, depois, dessa experiência pessoal com retratos de Domitianus, o contacto com o próprio áureo de Casal — a fotografia publicada em *Nummus,* pelo menos na sua forma impressa, não é de boa qualidade — deu-nos a sensação do contacto com algo que se nos apresentava como não familiar. A legenda, em letras perfeitíssimas, era mais do que clara, de leitura imediata mesmo para um quase não iniciado, mas o tipo do anverso tinha muito de peculiar na medida em que se afastava muito da imagem que havíamos formado ao manusear peças do já referido tesouro. Realmente, a emissão de que esta peça é um belo testemunho é, falando em termos gerais, excepcional por vários aspectos. Além do tratamento do perfil e feições imperiais havia outros elementos do tipo que se afastavam do que, repetidamente, tínhamos até então encontrado. Tratando-se de uma peça que não foi cunhada logo no início do reinado do sucessor de Titus, quando se poderia esperar uma certa indecisão ainda na definição de um tipo e «estilo» de retrato que depois se tornasse mais ou menos modelo convencional, como ocorre, com certa frequência, no retrato monetário romano, não parece muito aventureiro sugerir que o retrato da nossa moeda é obra de uma mão que não segue aspectos que se haviam tornado, ou estavam em vias de se tornar, típicos da imagem pública do segundo herdeiro de Vespasianus, tal como essa imagem é apresentada na moeda (1). Mas voltemos à análise objectiva da peça.

Comecemos pela datação, a qual não oferece a mínima dúvida. A peça é inequivocamente datada pela legenda do reverso, já que o décimo consulado imperial ocorreu no ano 84. Outros elementos igualmente objectivos tornariam possível, se esse faltasse, a definição de um limite *post quem,* pelo menos, para a sua cunhagem. O título *Germanicus* foi adoptado por Domitianus pela primeira vez em 83. Na orientação da legenda do anverso é possível também encontrar um marco cronológico. Entre 81 e 84 ela é diferente da que vai manter-se, invariavelmente, de 84 até final: a orientação da legenda da nossa peça não poderia ser anterior a 84. Vimos já atrás que até 87 a regra é, para os metais nobres, a cabeça laureada. Por outro lado, embora as peças exibam mais do que o que em rigor se deve chamar cabeça, pois nelas ocorre a existência de um pescoço

---

(1) Confronte-se a nossa fotografia com a simultaneamente boa fotografia e impressão de J. P. C. Kent, B. Overbeck, A. U. Stylow, M. Hirmer, *Die Romische Munze,* Munchen, 1973, Tafeln VII e 63-65.

alongado exibindo no seu extremo anterior o que, com propriedade, se tem de chamar algo do tronco, a regra geral até 84 é a ausência de vestuário. Com este em *RIC* só há a registar uma excepção (cf. p. 158/39, denário de 83) até 84. A partir deste ano coexistem simples cabeças e busto com vestuário ou *aegis,* embora dominem as cabeças. Outra regra é a orientação da efígie para a direita, exclusiva até 84. Só então passam a coexistir as duas orientações, embora mesmo assim a orientação para a esquerda só raramente ocorra.

O teor da legenda do anverso justifica também algumas observações. Tal legenda constitui, igualmente, uma excepção em moedas de metais nobres. Em *RIC* só é atribuída a peças citadas em duas notas, não a peças incluídas na numeração progressiva do *corpus,* portanto (1). Realmente, nos metais nobres de Domitianus, a indicação da filiação não aparece nas legendas de *RIC* mas ainda aqui há também observações a fazer. É indispensável verificar o que ocorre com a amoedação em *aes.* Nos chamados metais pobres a legenda do nosso áureo ocorre, acrescida de P M, em peças de Roma datadas de 81 e 82, associada a anversos com o tipo da nossa moeda (cf. pp. 183-4). Também em peças de Roma datadas precisamente de 84 a mesma legenda ocorre, acrescentada agora de GER COS X (cf. p. 184). Estas peças (pp. 183-4) são sestércios, dupôndios e asses, portanto peças de módulo bem superior ao de um áureo. Nas de 81 e 82 verifica-se que as legendas do reverso são pura e simplesmente uma continuação da titulatura imperial, iniciada no anverso, exactamente o que ocorre com o nosso áureo cujo reverso é, recorde-se, formado pelo *cognomen* GERMANICVS seguido do número do consulado (COS X). Verifica-se, nestas condições, que embora a legenda do nosso áureo permaneça invulgar, tal como outros aspectos do mesmo já referidos, ela nada tem de insólito, não podendo daí tirar-se o mínimo argumento, com suficiente fundamento, para pôr

---

(1) Cf. p. 156, nota 19 e p. 159, nota *. Trata-se de peças com as seguintes referências, respectivamente: *a)* Denário, C. 579 (*M. Collin*) — não se dá qualquer justificação para a sua eliminação do *corpus,* apenas se qualificando a leg. de «unusual» (*BMCE,* p. 302, nota 23, também cita esta legenda, citação que, não comentada e tal como é apresentada, se nos afigura muito equívoca, pela não tomada clara de posição do autor); *b)* a peça da venda Hirsch, já por nós devidamente referida.

em questão a autenticidade da peça (1). *RICHCC* contém, nas notas de introdução ao reinado de Domitianus, elementos que também interessam ao exame que vimos fazendo deste último aspecto do anverso do nosso áureo. Refere-se a «unusual» legenda de anv. «IMP CAES DIVI VESP F DOMITIAN AVG P M on at least one issue of A.D. 81» (...) «whose Roman mintage on this account may perhaps be doubt» (2). Ao lado do problema do lugar de emissão posto em relação a este numisma não deixa de ser curioso que a autora desta obra — em boa verdade muito cuidadosamente elaborada e actualizada, bem mais do que o simples catálogo de uma boa colecção — omita completamente, no texto da já referida introdução, a legenda do áureo primeiro divulgado nas páginas de *Nummus* por M. Ramires e já antes conhecida, pelo menos, através dos catálogos de onde foi extraída a documentação ilustrada já referida existente no BM, parte da qual, como também já se viu, é citada em notas de *RIC* e *BMCE* (as peças das vendas Hirsch e Santamaria). Esta omissão da legenda é tanto mais curiosa quanto se verifica que na mesma introdução cita, na sua lista de reversos, o rev. «Germania seated r.» em emissão de 84 (cf. CLVII).

Passamos à análise do tipo do reverso. Não oferece qualquer dúvida que a figura feminina é uma representação simbólica de *Germania*. Associada ao décimo consulado do imperador não pode deixar de referir-se à primeira das sucessivas operações contra os germanos, a vitoriosa campanha que teve lugar em 83, contra os *Chatti*, junto ao Reno. É a primeira vez que o tipo ocorre, tendo sido depois regularmente cunhado; o tema tornou-se mesmo, desde esta primeira emissão, o segundo grande tipo que dominará na amoedação em metal nobre. Mas se o tipo ocorre pela primeira vez e é nesse sentido original, não há propriamente grande originalidade no seu aspecto simbólico, ao representar uma área geográfica ven-

---

(1) A p. 156, nota 21, *RIC* cita um denário com a «unusual» leg. «IMP CAES DIVI VESP P. DOMITIAN AVG. P. M.» com a cabeça laureada à esq., citando «B. N. S. 1884, p. 131». Se a legenda está correctamente transcrita, nesse caso já ela é, efectivamente, suspeita. Ela será mais que «unusual», pois contém, na realidade, um erro. De notar que *BMCE* se refere ao que supomos ser a mesma peça mas citando a leg. com «F» (cf. p. 302, nota 22). Ao redigir este trabalho não temos possibilidade de esclarecer esta disparidade de citações. Quanto ao espécime citado em *RIC*, p. 207, nota, alínea (e) este tem de considerar-se, na realidade, altamente suspeito.

(2) Cf. CLVI (Omitimos o parêntesis que envolve as duas letra do final da leg., as quais são claramente visíveis na ilustração da peça; no catálogo, p. 282/2, denário, pl. 49; em nota: «Not mint of Rome?»).

cida através de uma mulher, em atitude de derrota, moral e física (1), com os dois complementos bélicos do tipo (o escudo por terra, onde a vencida se senta, e a lança inutilizada, jazendo a seus pés). Mattingly dá o devido relevo à importância dessa primeira campanha (*BMCE* LXXXVI-VII). A tal triunfo foi o imperador buscar o uso legítimo do cognome *Germanicus* e além da propaganda a que o nosso tipo serviu de veículo há outros em ouro e prata relacionados com o mesmo acontecimento: o áureo do imperador em quadriga celebrando um triunfo e a excepcional peça de 8 *denarii,* ambos já de 85 (cf. *BMCE* II, p. 316/* e 83). O tópico da guerra contra os germanos também não estará ausente do *aes,* mas com tipologia diversa, os maiores módulos destes metais prestando-se já a composições mais elaboradas, de inspiração também em modelos dos seus antecessores imediatos, como, por exemplo, o reverso *Germania capta* de sestércio de 85 (*BMCE* II, pl. 70/8).

O módulo e a orientação do eixo do reverso não justificam quaisquer comentários. Já o peso justifica algumas considerações.

No seu segundo ano de reinado Domitianus procedeu a alterações monetárias entre as quais a que afectou o peso do áureo, traduzindo-se tal alteração em uma subida de peso em relação ao da mesma denominação cunhada pelos seus imediatos antecessores e ao peso dos seus áureos de 81. É muito interessante verificar a perfeita homogeneidade de pesos que se verifica entre o áureo de Casal e os das vendas Hirsch e Santamaria, que são, respectivamente, 7,78, 7,78 e 7,77 gr. (2). Outro facto saliente é que tais pesos se revelam nitidamente fortes, superiores aos que são proporcionados por valores médios. Na realidade, BMCE II dá, para os anos de 82 a 96, a média de 7,58 (40 unidades pesadas), salientando Mattingly que tal cunhagem se apresenta com irregularidades, observando-se um declínio de peso (c. 7,45) por meados do reinado e que nos últimos anos há uma subida tendendo para 7,58 (cf. XIII-XIV). Um estudo re-

---

(1) Na figura e postura femininas há evidente analogias com antecedentes próximos proporcionados pelos bem conhecidos reversos de Vespasianus com a leg. *Judaea,* com a leg. *Judaea capta (v. g. BMCE* pl. 10/13, pl. 23/10-11, pl. 30/4) e por reversos de Titus com a leg. *Jud cap (v. g. BMCE,* pl. 48/8-10).

(2) Na documentação ilustrada que consultámos no BM não havia pesos anotados para as outras três peças. Os áureos das vendas Santamaria e Glendining não apresentam pesos nos respectivos catálogos (Agradecemos ao nosso amigo K. Jenkins esta verificação).

cente (1) dá para os áureos de Domitianus um «peso teórico» de 7,742958 e um «peso legal inferior» de 7,648547. Este mesmo estudo confirma os dados de *BMCE I* para o áureo de Nero depois da reforma de 64. Uma amostra de 56 unidades («FDC et superbes») forneceu um peso médio de 7,32 (peso igual ao «peso legal inferior») e uma distribuição com 42 peças entre 7,27 e 7,37 (5 peças abaixo de 7,27;9 com mais de 7,37).

Passando em revista os dados metrológicos condensados em *BMCE* I (para o período de 68 a Vitellius) e em *BMCE* II (para Vespasianus e Titus), verifica-se que entre as 16 médias apresentadas só quatro (7,59--7,44-7,39-7,69 (2) são superiores ao peso médio do áureo da reforma de Nero (7,32) e se situam, cronologicamente, em 68-69. Por outras palavras: dadas as médias citadas, tem de concluir-se que, uma vez lançados em circulação os áureos de 82-96, só escassas peças sobreviventes de emissões posteriores a 64 com eles poderiam competir, tanto mais que um outro factor possível tem, pelo menos teoricamente, de entrar em linha de conta e esse ainda desfavorável às últimas peças: as perdas de peso resultantes da circulação. Não nos parece difícil de surpreender o interesse desta conclusão. Ela poderá ter alguma coisa a ver com um aspecto que é agora oportuno retomar, para devida consideração: a verificada raridade dos áureos do décimo consulado de Domitianus com os tipos do áureo de Casal. A análise de cunhos dos 6 exemplares examinados (o de Casal e os 5 da documentação ilustrada do BM) já de si induz a pensar em emissão não caracterizada por elevado número de unidades. Efectivamente, em amostragem tão pequena, há segura repetição de cunhos, que pode ir até ao ponto de 5 das peças provirem do mesmo cunho de anverso. É possível, assim, e em recapitulação, apresentar três factores que, cumulativamente, tudo leva a crer, poderão ter concorrido para a citada raridade: *a)* uma emissão «relativamente» pequena quanto ao número de unidades; *b)* a valorização do áureo operada por Domitianus em 82; *c)* a reforçar o último factor, o peso notavelmente forte da própria emissão.

---

(1) A problemática da determinação do peso da moeda romana é complexa. Além de um problema de base — o da libra romana — há problemas técnicos de metodologia estatística e de índole puramente numismática a ter em conta para obter valores teóricos e valores reais. Em M. Thirion, *Le Trésor de Liberchies,* Bruxelles, 1972, pp. 49-61, encontrará o leitor alguma dessa problemática tratada e referências bibliográficas. É de tal obra que extraímos os dados que a seguir se citam (cf. pp. 53-4, 58).

(2) As amostras que fundamentam tais médias são, estatisticamente, muito débeis: respectivamente 4, 1, 3 e 10 unidades (cf. *BMCE* I, LI).

A propósito destas conclusões sobre a raridade do nosso áureo, parece-nos oportuno passar em revista alguns dados para tesouros dos sécs. II e III, a fim de que se possa verificar o que ocorre com as peças de ouro de Domitianus.

No já citado estudo do tesouro de Liberchies (388 *aurei;* peça mais antiga: Nero, de 63-64; peça mais moderna: Marcus Aurelius, de 166) o autor salienta: *a)* a abundância das peças de Nero (68 unidades); *b)* a falta quase total das peças do reinado de Domitianus (só duas peças, de 81), não obstante ter reinado 15 anos; *c)* a ausência total das peças de Nerva (1). Para aferir o valor destas conclusões o autor procedeu à comparação com outros tesouros do mesmo metal e época, oferecendo condições para um cotejo válido, num total de 4. O estudo comparativo revelou que três de tais tesouros tinham uma composição idêntica ao de Liberchies, o outro sendo nitidamente um tesouro especial, um típico tesouro de aforramento em que só peças em muito bom estado foram guardadas. No que se refere a Domitianus e Nerva o estudo comparativo confirmou os resultados do tesouro de Liberchies. Nos 5 tesouros (total 1 280 peças, de Nero a Marcus Aurelius): 6 de Domitianus, nenhuma de Nerva. Em 4 tesouros (Liberchies e os outros três similares), com um total de 1 208 unidades, havia apenas 4 de Domitianus, de 81-2; dois deles não incluiam qualquer peça deste imperador, havendo nos outros dois duas unidades em cada um. A percentagem de peças de Domitianus é 0,32 % do total e por ano. O que explica a ausência das peças de Domitianus — o peso, devido à revalorização levada a efeito em 82 — aplica-se, igualmente, ao áureo de Nerva (peso médio em *BMCE* III (cf. XV): 7,56, amostra com 13 unidades). A curta duração deste último reinado (2 anos, 96-98) não é factor suficiente para explicar a ausência total das suas peças em todos os tesouros: Titus, cujo reinado teve igual duração (79-81) está nos 4 referidos tesouros representado por 28 unidades, com 2,27 % do total das peças (2). Estes resultados são confirmados para o séc. III através de um outro estudo de tesouros enterrados na *Gallia* até ao estabelecimento da tetrarquia. Neste segundo estudo, o autor salientou as duas conclusões seguintes relativas à circulação do numerário de ouro no séc. III: *a)* o desaparecimento de todas as peças anteriores à reforma de Nero; *b)* «a ausência ou, pelo menos, a grande rari-

(1) M. Thirion, *obra citada,* p. 43.
(2) *Idem,* pp. 43-48.

dade das peças do reinado de Domitianus e das de Nerva». Como comentário: «a ausência de estas duas séries de *aurei* explica-se pelo seu peso forte que as arrastou ao cadinho e as eliminou rapidamente da circulação, como já o observou Regling (1).

Resta-nos abordar um último aspecto do áureo de Casal. Como a própria fotografia claramente mostra, aplica-se-lhe bem a designação de peça à «flor de cunho». Mas a peça apresenta, sobre a fronte imperial, um defeito, a que M. Ramires não fez a mínima alusão. Na foto publicada por este autor tal defeito não é muito aparente e passará mesmo despercebido. A foto a cor e ampliada que publicamos torna-o claramente verificável. Observada a peça sob uma lupa potente verifica-se que tal defeito tem o aspecto de uma caverna alongada, com interior de cor escura. Desde o começo se nos afigurou que o referido defeito se não poderia explicar por defeito existente no cunho (2). Não sabemos, entretanto, a explicação que tal defeito terá, dado o extraordinário estado de conservação e a carência de qualquer outro ponto análogo ou suspeito em toda a peça, cuja superfície foi por nós cuidadosamente examinada. É que a primeira hipótese que se nos deparou para justificar tal defeito foi a de que se estaria em presença de uma peça forrada, com interior, portanto, de metal pobre. Colocada em recipiente quando o tesouro foi ocultado, sem que até então tivesse sofrido efeitos visíveis provocados por circulação, poderia ter acontecido que, sob condições adversas de humidade ou outras, o revestimento superficial de ouro tivesse sido interrompido, por processo de corrosão afectando o metal pobre do interior da peça. Tentámos contraprovar esta hipótese. Não foi possível conseguir que nos fizessem em Coimbra uma análise por processo conveniente, não destrutiva e não dando apenas uma leitura de superfície. A nosso pedido, o novo proprietário do numisma tentou que ao mesmo fosse feita uma análise por activação de neutrões. Não o conseguiu. Tudo o que

---

(1) P. Le Gentilhomme, «Les *aurei* du trésor découvert à Rennes en 1774. Essai sur la circulation de la monnaie d'or au III° siècle», *Revue Numismatique*, Paris, 1943, pp. 11-43 (cf. especialmente pp. 19-20). A obra de K. Regling a que o autor se refere é «Der Schatz römischer Goldmünzen von Diarbekir (Mardin)», *Blatter für Münzfreunde* 66, 1931.

(2) A possível explicação do defeito a partir do cunho tem de ser, depois da análise da documentação ilustrada do BM, regeitada. Acrescente-se que entre tal documentação nenhum indício anormal digno de registo verificámos.

pudemos fazer foi proceder à determinação da densidade. O resultado obtido (19,20) revelou um valor que, para a densidade do ouro, tem de considerar-se normal [1].

---

(1) Cumpre-nos agradecer ao nosso amigo Dr. Abílio Marques da Silva, Técnico Experimentador da Fac. de Ciências e Tecnologia de Coimbra, a colaboração dispensada na determinação da densidade. Esta determinação foi feita utilizando como líquido água, com devida correcção em função da temperatura desta. Observe-se, a propósito, que se não desconhece que o líquido utilizado não é cientificamente o indicado (Sobre o rigor e particularidades do método cf. W. A. Oddy e M. J. Hughes, «The specific gravity method for the analysis of gold coins», *Methods of Chemical and metallurgical investigation of ancient coinage,* E. T. Hall e D. M. Metcalf (editores), London, 1972, pp. 75-87, onde se cita a bibliografia essencial, em especial M. J. Hughes e W. A. Oddy, «A reappraisal of the specific gravity method for the analysis of gold alloys», *Archaeometry,* vol. XII, part I, Oxford, 1970, pp. 1-11.

A Mr. R. A. Carson, do Medal and Coin Department do BM, também temos a agradecer a informação de conhecer apenas um único caso, dentro da moeda romana de ouro, de uma peça forrada, caso que é uma clara falsificação. Trata-se de uma peça da colecção do BM, que tivemos ocasião de apreciar. É uma peça de Constantius II.

DESCRIPÇÃO GERAL E HISTORICA

DAS

MOEDAS CUNHADAS EM NOME DOS REIS, REGENTES

E

GOVERNADORES DE PORTUGAL

POR

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

Pecunia totum circumit orbem.
(Nas moedas de cobre para o Brazil.)

TOMO I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

Fac-simile do frontispicio do 1.º tomo da 1.ª edição

ÉVORA CECA VISIGODA

por FELIPE MATEU Y LLOPIS

Las presentes páginas tienen por objeto corresponder a la invitación recibida de la Sociedade Portuguesa de Numismática, de Porto, para conmemorar el Centenario de la aparición de la gran obra *Descripção Geral e Histórica das Moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal* (1874) del Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão.

1. —

Prefiriendo tema lusitano, en el archivo de los gratos recuerdos hallo el de las visitas efectuadas a distintas ciudades del país y entre ellas a Evora, una de las de más rancio abolengo, la *Ebora Cerealis,* del Alto Alemtejo, como la *Pax Iulia,* Beja, en el Bajo, en ambiente de romanismo y aún prerromanismo como, hacia el norte, la *Conimbriga* diera Coimbra y como *Portu, Cale* antecediera al proprio nombre del país cuya cabeza, de apelativo imperial, fuera la *Bracara Augusta* en tierras *do Minho* y la *Berganza* goda sería la Bragança de Trás os Montes.

Tal escenario atlántico tendría con *Aquae Flaviae,* o sea *Flabas,* patria de Hidacio aires de pura romanidad, cuando *Lamecum* sería suevo y godo y el *Viseu* de lusitanos también godo, foco luego de mozarabismo que sobreviviría a los *oppida,* como la citada *Conimbriga* sobre la *Iminio* goda de la derecha del Mondego, por lo que su sede *conimbricense* se titulara y hacia el este, para completar el cuadro hasta el fin, *Egitania* mantendría el tópico en *Idanha a Velha,* reducto último de D. Rodrigo.

2. —

La Evora goda, la elegida para esta breve exposición, situada entre Tajo y Guadiana donde florecieran *Olissipona, Scalabis, Norba, Emérita* y *Pax, civitates romanae,* tuvo unos antiguos antecedentes numarios en las acuñaciones del bronce, latinas, de la época de Augusto, cuya autorización consta en las leyendas *Permissu Caesaris Augusti P.M.* rodeando la cabeza del César en anverso y *Liberalitatis Iul. Ebor.* con el preferículo el símpulo, la secéspita, el aspérgilo y la pátera, esto es, los atributos sacerdotales.

En otras labras de divisores ,la leyenda del reverso va en cuatro líneas, dentro de corona cuércea y aún en tres, abreviada, *Liberal. Iuliae Ebor.*

3. —

Don Antonio Delgado en su *Nuevo Método de clasificación de las monedas autónomas de España,* cuyo centenario pues que se publicó en 1871, en Sevilla, no se ha celebrado debidamente, dedicó a Ebora una merecida disquisición recordando raices hebreas en las que veía la razón de ser del epíteto romano *Cerealis;* Delgado rectificó a Cortés y a Heiss en cuanto a localización y adujo la *Historia da antiguidade da cidade de Evora efeta por maestre Andree de Resende,* de 1566.

Que la Ebora prerromana y la de las citadas cuñaciones es la Evora actual no hay por qué disputarlo, acreditada por Pomponio Mela, por Plínio, por el *Itinerario* de Antonino Caracalla y la continuidad en la *Liberalitas Iulia* augustea, monedas acuñadas entre 11 y 1 a.J.C. porque dicho emperador comenzó a denominarse *Pontifex Maximus, P.M.* en el primero de aquellos años y desde el último añadió a sus títulos el de *Pater Patriae, P.P.,* como recordó el autor del *Nuevo Método,* quien adujo también la opinión del P. Enrique Flórez (1).

D. Antonio Vives en *La moneda hispánica* (1926) repertorió tres tipos monetarios de Ebora, con las leyendas transcritas, uno del *dupondio* y dos del *as,* los tres del Museo Arqueológico Nacional (2), del grupo compuesto por Iulia Traducta, la Colonia Patricia, Ebora, y Acci, que gozaron del derecho de acuñación consignado *Permissu Caesaris Augusti.*

4. —

Con estos antecedentes llégase a la época goda en un ambiente de romanismo eborense como acreditan sus monumentos. Estas líneas se proponen solamente aportar la descripción de algunas monedas visigodas de Evora, publicadas o no, para añadir a las que formaron la colección del Museo Arqueológico Nacional de Madrid expatriadas en 1936 (3). Del estudio de este breve repertorio pueden deducirse hechos paleográficos, epigráficos y fonéticos, cual se ve en las variedades escritas del

---

(1) Vol. I, p. 140; lám. III.

(2) Lám. CLXV.

Sobre la capital de la Lusitania G. del Rey Trujillo, *La moneda emeritense* (Madrid, 1962). Sobre el ambiente del siglo IV recuérdese que Mérida cuyo circo mantenía su spina, con lápida de la época de Flávio Claudio Constantino, Flavio Julio Constancio y Flavio Julio Constante, que nombra a Tiberio Flavio Leto, quien mandó erigir las columnas y otras obras monumentales siendo gobernador de Lusitania Julio Saturnino, como estudió Gómez Moreno en 1925; eran los emperadores Constantino II (337) imperante en Galia, Britania e Hispania; Constante I, (337-350) en Ilíria, Italia y Africa y Constancio II *Adiabenicus* (338-359) en Asia y Egipto, hijo y sucesor de Constante I, escenario el emeritense señoreado por suevos y visigodos sucesivamente.

(3) *Catálogo de las monedas previsigodas y visigodas del Gabinete Numismático del Museo Arqueológico Nacional,* p. 355-357. Cítase aquí *M. V. MAN.*

topónimo, *Elbora, Elvora, Ervora,* acusadas aún en el monograma cruciforme de aquél.

Mas la mejor exposición del tema requiere una ordenación de hechos en que se situan, en su debido lugar, las acuñaciones de los diferentes reyes, obras de diferente estilo, pero con unidad territorial que llevaban a cabo los *spectatores numularii* o ensayadores, los *fussarii* o *flatuarii,* fundidores y los *coelatores* o grabadores de aquellos cuños, del oro godo, de acusados biseles, duras siluetas y característicos perfiles; y todo ello con la base crónica que nos facilita la obra de Robert Grosse, nunca suficientemente agradecida (1) y como más al alcance de todos con referências la de Aloïs Heiss, también centenaria, como la de Delgado y no menos útil (2).

5. —

Leovigildo. (568-586)

En 581 Leovigildo toma Elvora. Anv. LEOVIGILDVS REX; Rev. ELVORA IVSTVS (Heiss, *R.W.* p. 82, n.º 12. En 585 luchaba contra los suevos.

Otros ejemplares: LEOVIGILDVS REX + ELVORA IVSTVS (en Real Academia de la Historia) (3) y LEOVIGILDVS REX + ELVORA IVSTOS (*M.V. MAN.* p. 356, n.º 298).

---

(1) *Las fuentes de la época visigoda y bizantinas. Fontes Hispaniae Antiquae,* fasc. IX (Barcelona, 1947).

Con las *Fuentes* de Grosse lo son la *Collectio Conciliorum Hispaniae,* de García de Loaisa (Madrid, 1593); la *Collectio maxima conciliorum omnium Hispaniae* (1.ª edic. 1693-95, Roma; 2.ª 1753, Roma; 3.ª, 1781, Madrid.) Mansi *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio.*

Recientemente Moreno Casado, *Los Concilios nacionales visigodos,* «Boletín Universidad de Granada» (1946). D. Mansilla en *Origenes de la organización metropolitana en la Iglesia española,* «Hispania Sacra» (1959) núm. 24 p. 255-290.

J. Vives, Tomás Marin Martinez y Gonzalo Martinez Díez, *Concilios visigóticos e Hispano-romanos* (C.S.I.C. 1963). Véase la copiosa información monográfica que bajo *visigodos* trae el «Indice Histórico Español».

Un *Mapa de los Obispados y provincias antiguas de la Iglesia de España en tiempo de los Godos* en la Enciclopedia Espasa, voz España, p. 725-53.

(2) HEISS, Aloïs, *Description général des monnaies des rois wisigothes d'Espagne,* (1872). Cítase aquí *Heiss, R.W.*

(3) Véase MATEU Y LLOPIS, Felipe *Las monedas visigodas del Monetario de la Real Academia de la Historia,* en «Ampurias» VII-VIII (1946) p. 244-249 y 3 lám.

6. —

Recaredo (586-601).

RECCAREDVS REX; ELVORA IVSTVS (Heiss, *R.W.* p. 91, n.° 13; en n.° 14 IVSTOS.

RECCAREDVS REX; ELVORA IVSTVS (*M.V. MAN.* p. 356, n.° 299-301 y 303; en el 302 IVSTOS; en el hallazgo de Abusejo un ejemplar como el 299 (1). Otro RECCAREDVS y ELVORA IVSTVS (Real Academia de la Historia) (2).

597-V-17: *Concilium Toletanum III sub Reccaredo anno XII regni eius.* Asiste el obispo de *Elbora.*

7. —

Liuva II (601-603)

Hijo de Recaredo. *Liuva regnavit annum unum menses VI dies XII.* Anv. D.N. LIVVA REX; rev. ELVORA IVSTVS. Al rey se le titula *Dominus noster;* el topónimo se escribía *Elvora* (Un ejemplar en la Bibliothèque National, Paris, n.° 23, de Heiss).

Pero se usa también la invocación diplomática: + I.D.N.LIVVA REX y + ELVORA IVSTVS, esto es, *In Dei nomine* (*M.V. MAN.* p. 356, n.° 304).

8. —

Witerico (603-609)

603-VI-12 = 610-IV-6. *Wittericus regnavit ann. VII, m. VIIII, d. XXVI; por pronunciamiento.* Anv. + VVITTIRICVS RE, rev. ELVORA IVSTVS (Heiss, *R.W.* p. 99, n.° 9.

+ VVITTIRICVS RX + ELVORA IVSTVS (*M.V. MAN,* p. 356, n.° 305).

Acuñó en Laetera el triente que describió Hübner en «Deutsche Literaturzeit» (1897) XVIII, col. 501 según Grosse .

---

(1) Véase MATEU Y LLOPISí Felipe. *El hallazgo de Abusejo,* en «Miscelánea Arqueológica XXV aniversario de los Cursos de Ampurias (1947-1971)» (Barcelona, 1974, vol. II, p. 49-69).

(2) Véase nota 6.

9. —

Gundemaro (609-612)

610-IV-6 VI = 612-II-19-III-15. *Gundemarus reg. ann. II, d. X;* por pronunciamiento. Anv. GVNDEMARVS RE. + ELVORA IVSTVS (Catálogo Ferreira do Carmo) (1).

10. —

Sisebuto (612-621)

612-II-19 = 621-II-3-28. *Sisebutus reg. ann VIII m. X d. XX.* Anv. SISEBVTVS REX. + ELVORA IVSTVS (Heiss, *R.W.* p. 104, n.º 4). + SISEBVTVS REX. + ELVORA IVSTVS (*M.W. MAN,* p. 356, n.º 306).

11 —

Recaredo II (621)

621-II-III.*Reccaredvs filius reg. ann. I, m. II, d. X*

12. —

Chintila (621-631)

621-III-631-III-26. *Suinthila reg. ann. X.*

13. —

Sisenando (631-636)

Sisenandus reg. ann. IIII m. XI d. XVI. 633-XII-5: *Concilium Toletanum IV.* Asiste *Sisiclus,* de *Elbora.*

---

(1) *Catálogo da Colecção de Moedas e Medalhas portuguesas e outras pertencentes a Eduardo Luiz Ferreira do Carmo, por P.A.D.* (Pedro Augusto Dias). Porto 1877. En página 211 Moedas wisigodas de Hespanha, donde en nota: «Em 1867, a pedido do nosso amigo o snr. Aragão, enviamos-lhe, com consentimento de seus donos, os desenhos das moedas wisigodas das collecções dos nossos amigos os snrs. Carmo e Ferreira, para serem presentes a Mr. A. Heiss, que então trabalhava na sua importante obra relativa a estas moedas, hoje publicada, onde tivemos a satisfação de vêr alguns dos numismas dos nossos amigos. As collecções de ambos tem crescido notavelmente, e na descrição, que em seguida damos da do snr. Carmo, vão incluídas duas moedas obtidas posteriormente, e *inéditas* porque nem mesmo Heiss teve conhecimento da sua existência, visto que não as descreve».

14. —

Chintila (636-639)

Chintila reg. ann. III m. VII. Murió en Toledo, imperando Heraclio. 638-I-*Concilium Toletanum VI.* Asiste *Sisiclus* de Elbora quien ya se halló en el IV.

15. —

Tulgan (639-642)

639-XII-20 = 642-IV-17. *Tulga filius eius reg. ann. II, m. IIII.*

16. —

Chindasvinto (642-649-653)

Chindasvindus regnavit solus annos VI, m. VIII, d. XX. Item cum filio suo domno Recesvindo rege reg. ann. IIII m. VIII d. XI (649-653).

646-X-18: *Concilum Toletanum VIII, anno V regis Chindasvindi* asiste *Sisiclus* de *Elbora.* 653-XII-16: *Concilium Toletanum VIII;* asiste el obispo de Elbora. En 655 el IX Concilio.

17. —

Recesvinto (649-672).

656-XII-1. *Concilium Toletanum X. Anno octavo Reccesvinthi regis;* asiste el prelado de Elbora. 66-XI-6: *Concilium Emeritense;* asiste el prelado de Elbora.

18. —

Wamba (672-680)

672-IX-1: *Suscepit autem gloriosus domnus Wamba regni gubernacula.* 675: *Conciluim Toletanum XI.* 680-X-15 = 687-XI-15. *Gothorum Ervigius consecratur in regno.* 681-I-9-25. *Concilium Toletanum XII.* Asiste *Tructemundus,* de Elbora.

19. —

Ervigio (680-687)

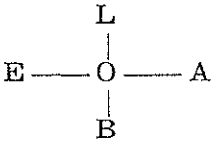
683-XI-4-13. *Concilium Toletanum XIII, actum anno quarto Ervigii regis.* Asiste el mismo prelado. En A. Engel, *Mission Archéologique en Espagne,* (p. 199, n.° 5) moneda de Ervigio de Elbora; referencia de Grosse. En 684 *Concilium Toletanum XIV.*

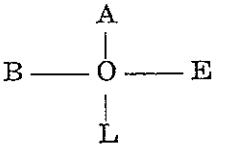
20. —

Egica (687-702).

687-XI-15-702. *Egica rex,* en 24-X-687. 688-V-II: *Concilium Toletanum XV;* asiste el mismo Tructemundus.. En 693 el XVI y en 694 el XVII.

En la sunarquía monograma cruciforme: + IN DI NME EGICA REX, rev. + V V ITTIZA RX REGIS (por REGES) (*M.V. MAN. n.º 307)*

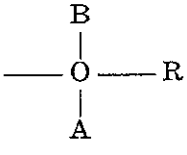


Como el anterior pero el orden de las letras 

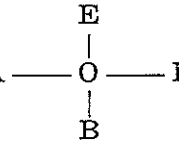
(*M. V. MAN,* p. 357, n.º 308; procedente de Abusejo).

21. —

Wittiza (700-710)

Wittiza rex: in era DCCXXXVIII... Wittiza decrepito iam patre pariter regnant anno DCC. Monograma 

(Heiss, *R. W.* p. 135, n.º 4 no grabada). En 702 el Concilio toledano.

Los tipos son muy decadentes; los reyes, sus bustos, afrontados, separados por la Cruz en anv. con + IN DI NMN EGICA; en rev. VVITIZA RX REGIS y el monograma 

Ejemplar de

la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona (1). De otro igual vi una impronta que me mostró D. Manuel Gómez-Moreno.

Con estos tremises repertoriados aquí se acredita la persistencia de las labras monetales en la Evora goda, de tan rancio abolengo como se ha visto.

(1) Mis artículos *Noticia del Monetario de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona,* en su «Boletín» vol. XXII (1949) lám, 8, núm. 173. y *El Catálogo del Monetario de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona* vol. XXV (1953) pág. 71.

MOEDAS ROMANAS ENCONTRADAS NO TERMO DE NUMÃO

por J. A. PINTO FERREIRA

«...Não há que transportar para o passado as realidades geográficas de hoje; há sim que estabelecer a própria história do meio físico-biológico e das suas relações com os diferentes povos...»

(Vid. Vitorino Magalhães Godinho, *Palavras preliminares,* in, «Traité de Geographiephysique» por Emmanuel de Martonne, Edição Cosmos, Lisboa, Tomo I e II, 1953).

As espécies arqueológicas e medalhísticas encontradas em diversas propriedades do termo de Numão, em grande parte por nós já estudadas em diversos trabalhos (1), foram achadas ao proceder-se à demolição e construção de moradias, ao arroteamento dos terrenos destinados a plantio da vinha, da oliveira, da amendoeira e, também, por ocasião do rompimento de novos caminhos e estradas.

---

(1) Vid. Numão — *Notável Estação Arqueológica,* Separata de *Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia* (STVDIVM GENERALE), Vol. IX-1962; *Medalhística Religiosa...,* Separata de *Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia* (LVCERNA), Vol. III, 1963 — Porto; *Cabeceiras de sepultura medievais existentes em Numão,* in *Lucerna,* vol. V, Porto, 1966; *Numão Pré-Histórico (Inventariação de machados de pedra polida ali encontrados),* Separata de *Arqueologia e História,* Vol II, Pub. da *Administração dos Arqueólogos Portugueses,* Lisboa, 1966; *Achado de uma pedra singular* , pub. da Associação Portuguesa de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Ciências do Porto, Porto 1968 e *Pesos arcaicos de tear...,* pub. da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1970.

Situação Geográfica de Numão
Carta Corográfica de Portugal na escala 1/50000 — 11-C e 15-A do Instituto Geográfico e Cadastral.

Vêm-nos essas espécies confirmar que o vasto e antigo território numantino foi habitado desde tempos pré-históricos até aos nossos dias (1).

O amável convite que a Sociedade Portuguesa de Numismática nos fez para colaborar neste *número especial* da NVMMVS, em homenagem ao insigne numismata Teixeira de Aragão, veio dar-nos a oportunidade de tornar conhecidas dos estudiosos algumas das moedas romanas ali encontradas, em condições semelhantes às de outros achados.

Segue-se a descrição dessas moedas.

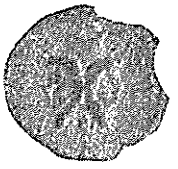
REPÚBLICA

Anv — Cabeça laureada do deus Jano
Rev — A. CAE. ROMA
Prôa de navio no campo.
Moeda bronze, *grande bronze*.
(Babelon, vol. I, n.º 8)

---

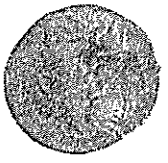
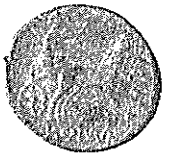
(1) Vid. in *Antiguidades de Numão*, pub. do «Centro de Estudos Humanísticos (Anexo à Universidade do Porto)», pág. 27, Porto-1953, o que o autor deste estudo escreveu sobre os habitantes de Numão se chamarem *Numantinos*. O termo de Numão, ainda no séc. XII, era de uma enorme extensão, abrangendo terras de ante-Côa e de riba-Côa. (Vid. os seus limites in obra acima cit.ª, págs. 63 e 64). Logo que se conclua a ponte sobre o rio Côa, que se prevê para Maio próximo, poderemos com mais facilidade visitar certas localidades que delimitavam este território, o qual tinha como fronteira natural os Rios Douro e Águeda. Deste modo, tornar-se-nos-á igualmente mais fácil localizar, também, certos topónimos ainda hoje de difícil determinação.

FAMÍLIA FURIA



Anv — M. FOVRI. L. F.
Cabeça laureada do deus Jano.
Rev — PHILI. ROMA
Roma em pé à esquerda, com a lança e coroando um trofeu. Por baixo dois escudos.
Moeda prata, *denário.*
(Babelon, Vol. I, n.° 18)

FAMÍLIA ANÔNIMA

Anv — Cabeça da deusa Roma à direita, com capacete alado; Atrás X.
Rev — ROMA
A Vitória numa biga, galopando à direita.
Moeda prata, *denário.*
(Babelon, vol. I, n.° 6)

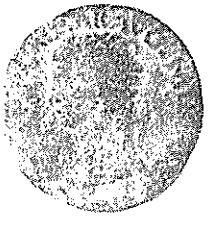
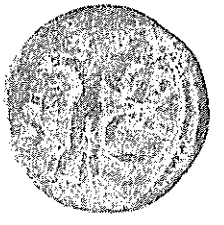
AUGUSTO

Anv — cabeça de Augusto, à direita.
Rev — AVGVSTVS
Capricórnio à direita com o leme, um globo e, em cima, a cornucópia.
Moeda prata, *denário.*
(Cohen, vol. I, n.° 20)

TIBÉRIO

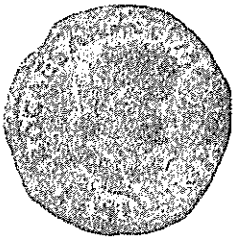
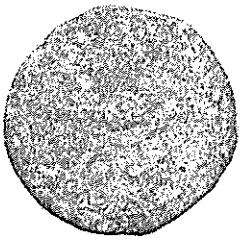
Anv — TI. CAESAR DIVI AVG F. AVGVSTUS
Cabeça laureada à direita.
Rev — PONTIFI. MAXIM.
Livia sentada à direita.
Moeda prata, *denário.*
(Cohen, vol. I, n.º 16)

CLÁUDIO

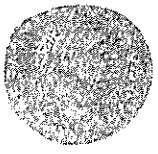
Anv — TI. CLAUDIUS CAESAR AVG. P. M. TR. IMP.
Cabeça laureada de Cláudio, à esquerda.
Rev — S. C. Pallas de capacete em pé, arremessando a flecha.
Moeda Bronze, *médio bronze.*
(Cohen, vol. I, n.º 24)

NERO

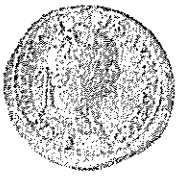
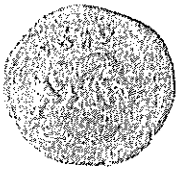
Anv — NERO CAESAR AVG. .....
Cabeça laureada de Nero, à direita.
Rev. — Ilegível
Moeda bronze, *médio bronze.*

VESPASIANO



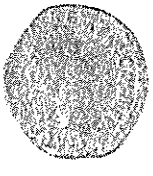
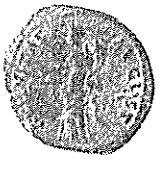
Anv — IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG.
Cabeça de imperador à direita e laureada.
Rev — COS. ITER. TR. POT.
A Paz sentada à esquerda, com o ramo de oliveira e o caduceu.
Moeda prata, *denário*.
(Cohen, vol. I, n.º ?).

DOMICIANO

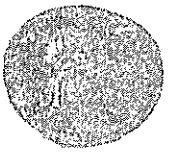
Anv. — CAESAR AUG. F. DOMITIANVS
Cabeça laureada de Domiciano, à direita.
Rev — COS V
A loba aleitando Romulo e Remo, no campo uma barquinha.
Moeda ouro, *áureo*.
(Cohen, vol. I n.º 50).

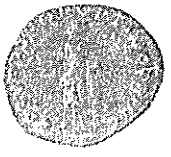
NERVA

Anv — IMP. NERVA CAES. P. M. TR. P. COS. II P. P.
Cabeça laureada do imperador Nerva, à direita.
Rev — AEQUITAS AVGVST.
A Equidade em pé, à esquerda, com a balança e a cornucópia.
Moeda prata, *denário*.
(Cohen, vol II, n.º 3)

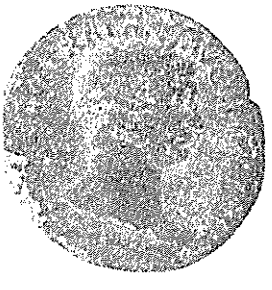
TRAJANO

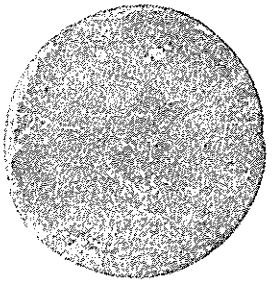




Anv — IMP. TRAIANO AVG. GER. DAC. P. M. TR. P.
Busto laureado e adornado à direita.
Rev — COS. VI. P. P. S. P. Q. R. OPTIMO PRINC.
Marte marchando à esquerda, com um troféu na mão direita.
Moeda prata, *denário.*
(Cohen, vol. II, n.º 63)

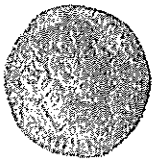
TRAJANO





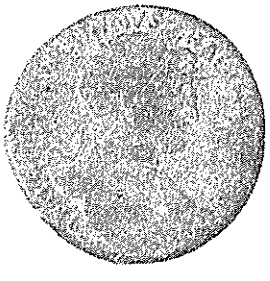
Anv — IMP. CAES. NERVAE TRAIANO AVG. GERM.
Busto laureado de Trajano, à direita.
Rev — Ilegível.
Moeda bronze, *grande bronze.*

ADRIANO



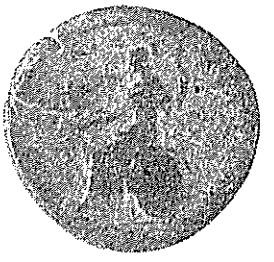
Anv — HADRIANVS AVGVSTUS
Busto laureado à direita.
Rev — COS III
Astro sobre um crescente, em baixo um globo.
Moeda prata, *denário*.
(Cohen, vol. II, n.º 461).

ADRIANO



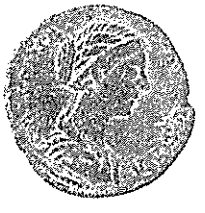
Anv — IMP. CAESAR TRAIANVS HADRIANVS AVG.
Busto de Adriano à direita, com o paludamento.
Rev — S. C. no campo
A Fortuna assentada à esquerda, com o leme e a cornucópia.
Moeda bronze, *grande bronze*.
(Cohen, vol. II, n.º 751)

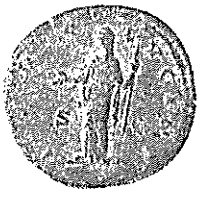
ANTONINO PIO



Anv — ANTONINVS AVG. PIVS P. P. TR. P. COS III.
Cabeça laureada de Antonino, à direita.
Rev — A Itália assentada, à esquerda, sobre um globo, com a cornucópia e o ceptro.
Moeda bronze, *grande bronze.*

CRISPINA (MULHER DO IMPERADOR COMODO)

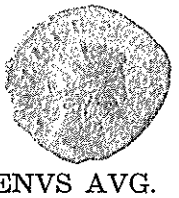
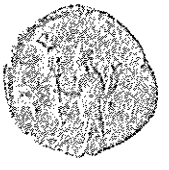




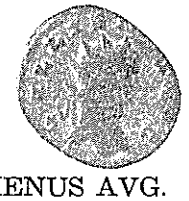
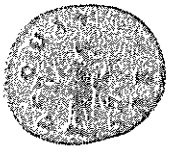
Anv — CRISPINA AVGVSTA
Busto à direita.
Rev — IVNO LUCIANA
Juno de pé, à esquerda, com a pátera e ceptro.
Moeda bronze, *médio bronze.*
(Cohen, Vol. III, n.° 24).

GALIENO

Anv — GALLIENVS AVG.
Busto radiado à direita.
Rev — MARS VICTOR
Marte de capacete, marchando à direita, com lança e escudo.
Moeda bronze, *pequeno bronze.*
(Cohen, vol. V, n.º 605)

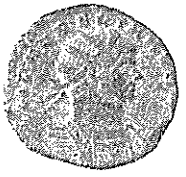



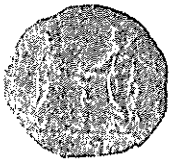
Anv — GALLIENVS AVG.
Cabeça radiada de imperador, à direita.
Rev — LIBERAL AVG.
A Liberdade em pé, à esquerda, com uma téssera e uma cornucópia
Moeda bronze, *médio bronze.*
(Cohen, vol. V, n.º 562).

Anv — GALLIENUS AVG.
Busto de imperador à direita, coroa radiada.
Rev — AEQUITAS AVG.
A Equidade em pé à esquerda, com a balança e a cornucópia. No campo *VI.*
Moeda bronze, *médio bronze.*
(Cohen, vol. V, n.º 24)

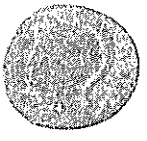
AURELIANO



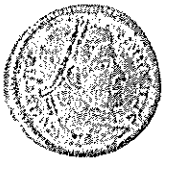


Anv — IMP. AVRELIANVS AVG.
Busto radiado do imperador à direita.
Rev — CONCORDIA AVG.
Severina de pé, dando a mão a Aureliano, laureado e de pé. Entre eles e no campo a cabeça do Sol.
Moeda bronze, *médio bronze.*
(Cohen, vol. VI, n.º 35).

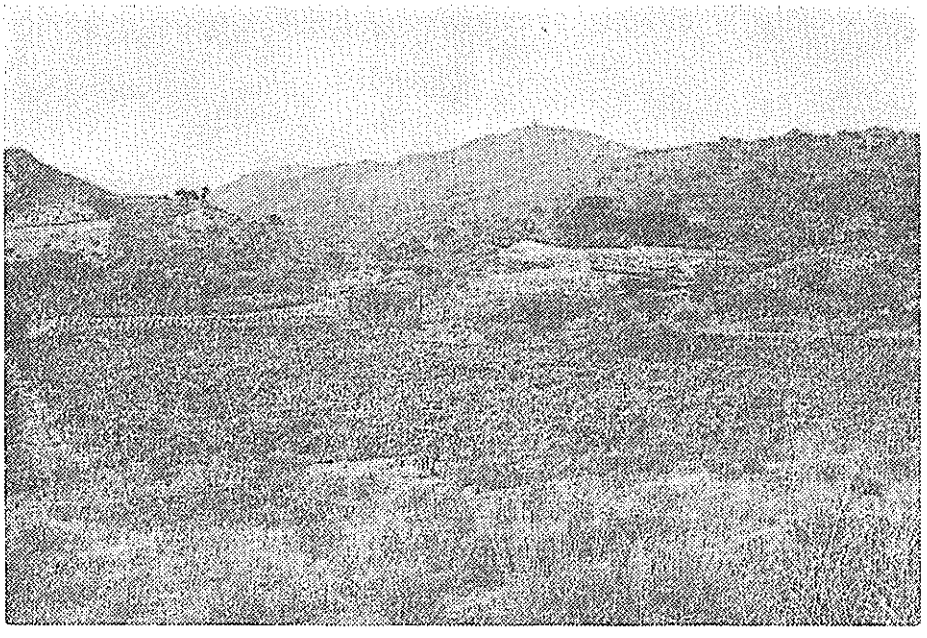
CONSTANTINO

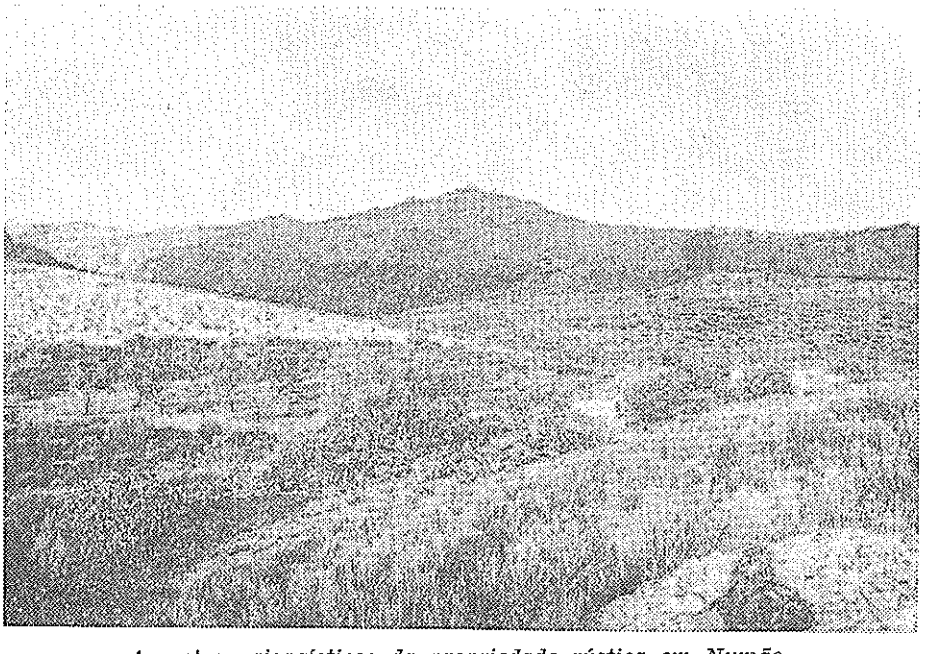


Anv — URBS ROMA
Busto de Roma, à esquerda, com capacete.
Rev — A loba alimentando Romulo e Remo.
No campo e ao alto duas estrelas.
Moeda bronze, *pequeno bronze.*
(Cohen, vol. II, n.º 17)



Anv — CONSTANTINVS AVG.
Cabeça do Imperador, lanreada, à direita.
Rev — D. N. CONSTANTINI MAX. AVG.
Coroa de loiro ao centro VOT.-XX; no enxergo P. T.
Moeda bronze, *médio bronze.*
(Cohen, vol. VII, n.º 123)





Aspectos paisagísticos da propriedade rústica em Numão.
Ao longe, no cimo do monte, divisam-se as muralhas do Castelo e um pormenor da actual povoação.

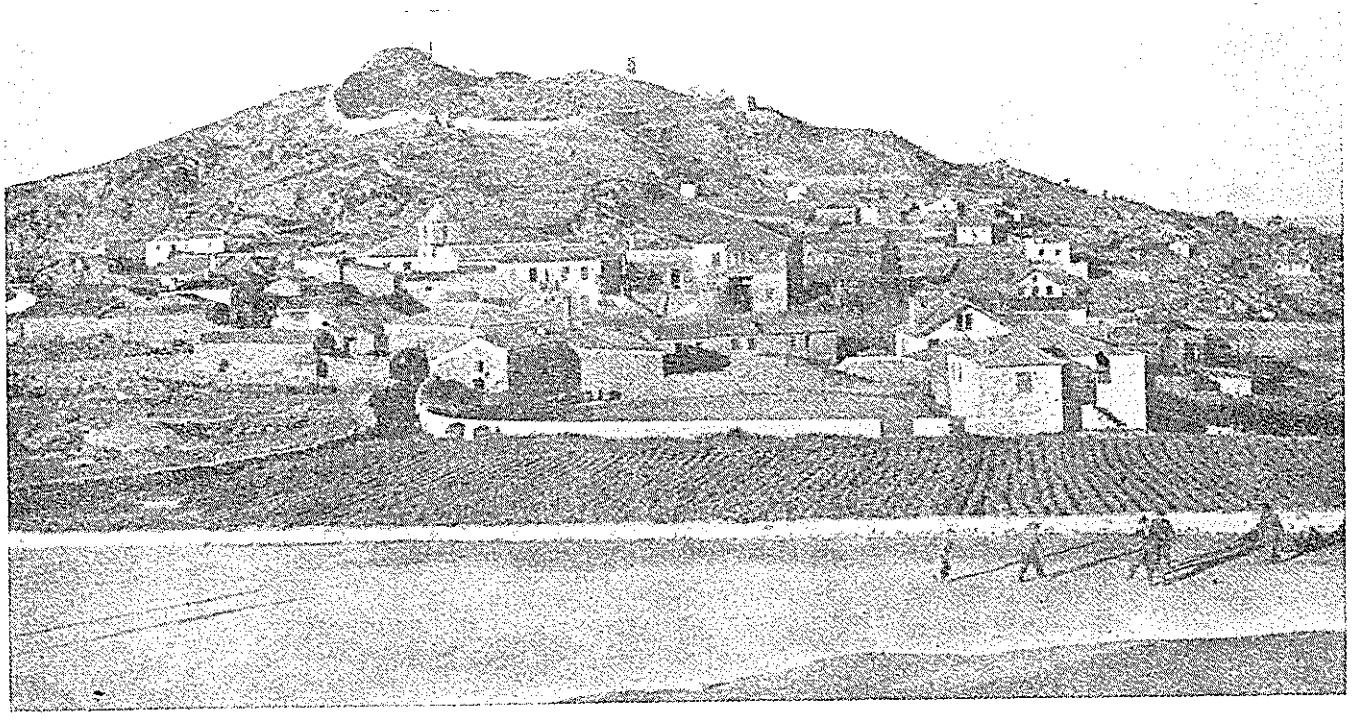
As fotos foram tiradas da estrada que dá acesso à freguesia de Custóias.

Estas e outras espécies encontradas em Numão fazem parte das valiosas colecções reunidas pelo distinto clínico desta Terra, que tem a liberalidade de as facultar ao visitante, na sua residência familiar, onde estão devidamente conservadas e expostas.

Parece-nos poder afirmar que o vetusto território de Numão deveria ser atentamente estudado por uma equipa especializada de historiadores, geógrafos e arqueólogos, procedendo a escavações sistemáticas e cientificamente orientadas, de forma a permitir a localização da estação arqueológica.

Essas sondagens deveriam ser efectuadas no interior amuralhado do Castelo, fora da cerca das muralhas, parte sul, nordeste e noroeste do actual centro populacional.

Aqui deixamos registada esta nossa pretensão. Oxalá ela tenha benévolo acolhimento nas entidades competentes e, num futuro próximo, possam levar a efeito tão relevante trabalho, em defesa do património arqueológico e artístico regional e nacional.



Vista panorâmica de Numão
A fotografia mostra-nos a posição geográfica do Castelo cercado pelas muralhas.
Em baixo, a actual povoação.

UM DINHEIRO NÃO REFERENCIADO DE D. FERNANDO I

por AVELINO BRAGA

Na numária da Primeira Dinastia e desde a passagem para o reverso dos escudos dispostos em cruz (1), o início da legenda desta face surge como um dos elementos classificadores dos dinheiros.

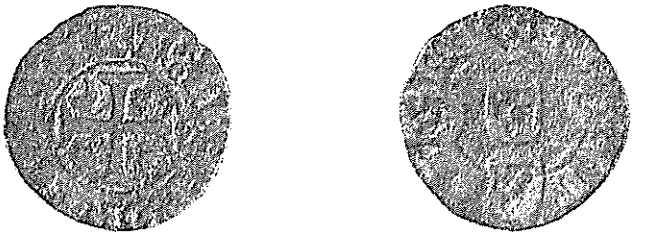
Para D. Afonso III, D. Diniz e D. Afonso IV são conhecidos exemplares destas moedas com as quatro distribuições possíveis da legenda embora a do primeiro (2), não seja a mesma da dos dois últimos (3).

Ferraro Vaz referencia para D. Fernando I apenas os números 112 a 115 inclusivé, com início da legenda no primeiro e segundo quadrantes.

Esta pequena nota tem por fim dar a conhecer um dinheiro que adquirimos há tempos e faz agora parte da nossa colecção.

A tonalidade muito escura da superfície desta moeda, o seu brunido e as incrustações que apresenta não permitiram, apesar da excelente técnica fotográfica do operador que a executou, obter melhor reprodução do que a que se publica.

Mesmo assim serve ela de apoio documental suficiente à descrição que se segue, no que ela contém de essencial.



Ampliação 2×. Foto - Carlos Gomes de Sá

(1) D. AFONSO III
(2) PORTVGAL
(3) ALGARBII

A/ No campo, cruz cantonada por estrelas no 1.º e 3.º quadrantes; crescentes no 2.º e 4.º.

+F : RE(X P)ORT(V)GALI

R/ Escudetes dispostos em cruz, cortando a legenda.

II AL(GA) R(B) (1)

Módulo — 15 mm

Peso — 0,635 g

Estado de conservação — regular

Conhecida mais esta disposição da legenda, com ínicio no 4.º quadrante será lícito esperar como provável a existência de dinheiros deste reinado com legenda começando no 3.º quadrante.

Ficamos aguardando que alguém no-la revele para que se possa fechar a série.

Entretanto, fica este exemplar à disposição dos estudiosos que porventura queiram examiná-lo.

---

(1) Iniciando a leitura no 1.º quadrante.

1$000 REIS DE 1879: UM CUNHO NÃO APROVADO

por ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

À memória de D. José Saldanha Oliveira e Souza,
Director Geral da Casa da Moeda de Lisboa em 1874.

Descrição

Metal — Ouro
Toque — 916,6 ‰
Diâmetro — 15 mm
Peso — 1,75 g
Grau de raridade — RRRR
Estado de conservação — Soberba (pequeno risco sobre a efígie).
Anverso — .LUDOVICVS . I.PORT: ET : ALG: REX . na orla.
Efígie à esquerda, com bigode.
Na base do pescoço F.A.C.
No exergo 1879.
Cercadura denteada e rebordo.
Bordo — Serrilhado
Eixo — Horizontal
Reverso — 1000 REIS, em duas linhas, dentro de coroa de louros.
Cercadura denteada e rebordo.

= *Urgente* =

Illmo. e Exmo. Sñr. = Em conformidade das instruções expedidas em Portaria ontem sobre a reamoedação das peças e meias peças, rogo a V. Ex.ª se digne dar as suas ordens para que, sem perda de tempo e com as peças e meias peças aí existentes, se proceda à cunhagem de 30 contos de reis em moeda de ouro de 2$000 reis e 2:000$000 reis em moeda de 1$000 reis, aplicando o resto à cunhagem de moedas de 10$000 reis e transferindo parcelarmente para as caixas Centraes as novas moedas à medida que se forem aprontando. = Deus Guarde V. Ex.ª = Direcção Geral da Tesouraria 13 de Fevereiro de 1878 = Ill.mo e Ex.mo Sñr Director da Casa da Moeda. = José António Gomes Lages.

(Arquivo-Geral da Casa da Moeda de Lisboa, registo da correspondência recebida, livro 24-A, fl. 90 v.º)

Recebida esta ordem, imediatamente D. José de Saldanha Oliveira e Souza pôs em movimento toda a máquina fabril que dirigia. Tratava-se de cunhar, pela primeira vez dois novos valores: 10$000 e 1$000 reis. completando-se, assim, a série de denominações da moeda de ouro nacional.

Não havia que perder tempo. Era necessário abrir matrizes, tirar punções, gravar cunhos, fazer ensaios... e tudo isso feito com grandes cuidados e por um só artista, o 1.º gravador, pois que de moeda de ouro se tratava.

Todo este processo demoraria, normalmente, muitos meses, não sendo de prever o início da cunhagem antes do fim do primeiro semestre de 1878.

Contudo, as estatísticas do ouro amoedado, por semestres, na Casa da Moeda de Lisboa, indicam que naquele 1.º semestre cunharam-se 207/421 kg de ouro em moeda de 10$000 reis a que correspondeu o valor de 117:020$000 reis, ou seja, 11 702 peças, número elevado, relativamente à média de exemplares cunhados semestralmente desde 1878 a 1890: 8719.

(«Estatística das moedas...».Lisboa, 22/11/1909. Mapa n.º 2.)

A razão que possibilitou a efectivação daquela primeira cunhagem é-nos explicada por um ofício que Frederico Augusto de Campos dirigiu, a 9 de Março, ao director da C.M.P.S., documento esse que nos interessa especialmente pelo que nele nos conta sobre a nova moeda de 1$000 reis.

Illmo. e Exmo. Sñr. = Tenho a honra de oferecer à consideração de V. Ex.ª o presente escrito cujo conteúdo me parece merecê-la.

— Os cunhos para a moeda de 10$000 reis, que me foram requisitados por ordem de V. Ex.ª, em data de 13 de Fevereiro do corrente ano dependem, como é sabido, dos originais punções e matrizes d'armas e de retrato.

— A matriz das armas estava já feita e (pela terceira vez, porque se estragaram as duas anteriores), e a fiz por gosto e sem ordem alguma que para isso recebesse.

— Estou tratando de reproduzir por meio dela os punções respectivos, os quais, apesar das dificuldades que acompanham as importantes operações de impressão, d'aço em aço, mormente quando feitas numa prensa mal apetrechada como a que temos; espero ainda assim que dentro de poucos dias estejam prontos para se poder imprimir cunhos.

— Quanto ao retrato d'El-Rei também o executei sem determinação expressa, mas pelo desejo de o ter pronto quando se ordenasse a feitura da sobredita moeda de 10$000 reis.

— Estou pois tratando de o imprimir em fundo: e como desejo que a nossa moeda de maior valor e modelo fique o melhor possível, fiz matrizes de ensaio, de que tirei bom resultado, e passo agora a tratar da matriz definitiva para depois imprimir os necessários punções de retrato, e em seguida os cunhos respectivos.

— Ordenou-me também V. Ex.ª, na mesma data e com urgência que fizesse cunhos para a moeda de 1$000 reis, da qual antes desta ocasião não se tinha tratado no presente reinado, e por tanto não havia motivo para que os originais estivessem feitos, pois em rigor não se podem fazer trabalhos de moeda sem ordem escrita.

— Contudo tinha já eu gravada a matriz das armas, como V. Ex.ª sabe, e não o retrato, por ser de muito maior dificuldade e impertinência, pela sua pequenez.

— Para satisfazer por essa parte a ordem últimamente recebida, temperei a dita matriz, e querendo imprimir o correspondente punção, abaixou a matriz, que ficou inutilizada, e com ela o improbo trabalho que havia para fazer.

— Ainda tentei com maior desejo que esperança dar-lhe algum remédio, procurando por todos os modos ver se ainda podia aproveitá-la: porém tudo foi baldado, estava perdida.

— Não tenho, portanto, nenhuma das peças principais, preciso crear tudo de novo. Todavia quer-se moeda de 1$000 reis, e com brevidade.

— Á vista desta exigência sou obrigado a ponderar a V. Ex.ª que a natureza da obra, por sua delicadeza, dificuldade e impertinência importa evidentemente exigência contrária: isto é: muita paciência e vagar.

— O Governo de S. M. e V. Ex.ª querem certamente, como se deve querer, moeda apesar de miúda, tão perfeita quanto possível, moeda que seja verdadeira obra de arte, moeda enfim, digna deste século e da Europa, como se quer e como se faz em todas as nações civilizadas, incluindo Portugal que as possue de ouro e de prata, aprovadas por BARRE, gravador geral da Casa da Moeda de Paris: e portanto sendo preciso, como acima disse, crear os originais, é igualmente preciso que se me dê tempo suficiente para os executar, e me poder desempenhar dignamente desse honroso cargo.

— Devo também ponderar a V. Ex.ª que exigindo a lei que a moeda de 1$000 reis tenha, como as outras de ouro, o retrato d'El-Rei de um lado e as armas nacionais do outro, e ocupando as armas o meio do reverso, e o retrato o meio do averso (sic), *quase todo o metal se emprega em encher essas duas gravuras opostas e em fundo, indo a*

faltar metal para relevar na moeda a legenda, cordão e borda, e tornando assim difícil e imperfeita a cunhagem, como sempre sucedeu quando n'algum tempo se cunhou similhante moeda.

— Peço pois licença para suprimir nesta moeda as armas ou o retrato (conforme mais convier ao bom desempenho) e gravar no cunho correspondente a essa face um reverso semelhante ao de 100 reis, sómente com a diferença do valor: pois d'este modo ficará no meio de uma das faces muito menos vão para encher de metal, e a cunhagem será mais fácil e ficará mais nítida.

— Nisto não há novidade alguma, nem defeito, porque diversas moedas de ouro europeas, incluso as francesas de muito menor módulo, têm reverso como o que proponho.

— V. Ex.ª porém determinará o que for melhor. = Deus Guarde V. Ex.ª = Lisboa, 9 de Março de 1878 = Ill.mo e Ex.mo Sñr. Director da Casa da Moeda e Papel Selado = O gravador Frederico Augusto de Campos.

(Idem, registo da correspondência enviada, livro 24-B.)

(Extraordinário documento e extraordinário Homem! Frederico Augusto de Campos bem merece um lugar de destaque entre a extraordinária pleiade de mestres gravadores portugueses.)

A 15 de Março desse ano é enviado superiormente o pedido para a alteração proposta por F. A. C.

Trata-se de outro documento de inegável interesse para o estudo da moeda de ouro do reinado de D. Luís I.

Ill.mo e Ex.mo Sñr. = Tomo a liberdade de enviar a V. Ex.ª a inclusa cópia do ofício no qual o primeiro gravador desta casa, Frederico Augusto de Campos, expõe a necessidade de ser permitida, nas moedas de ouro de 1$000 reis, a supressão do retrato, ou das armas, com o fim de tornar possível a boa cunhagem das mesmas moedas, e sobre este assunto julgo do meu dever informar também o seguinte:

No presente reinado do Senhor D. Luis I a moeda teve a mudança da efígie e do nome do soberano, como devia ser, mas o escudo real também foi alterado com duas palmas de louro e carvalho, entrelaçadas, contra o que dispunha o art.º 6.º da Carta de Lei de 29 de Julho de 1854. para esta última alteração serviu de base um ofício do Director da C.M.P.S., com data de 7 de Fevereiro de 1862, no qual indicava que o escudo das armas nacionais, guarnecido de um manto, ou veste real, e a

pequena espessura das novas moedas tornarão muito difícil, ou impossível, a sua boa cunhagem, e pedia que fosse aprovada a substituição dos lados ocupados pelo manto real por dois ramos de carvalho e louro, entrelaçados, conforme já se observava no princípio do reinado da Senhora D. Maria II, durante os anos de 1833 a 1835.

— A substituição foi aprovada e, com o ofício de 15 do mesmo mês e ano, expedido pela Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda, recebeu o mesmo director o desenho para as armas reais, sem manto, para servir de modelo para o cunho das moedas portuguesas.

— Em ofício de 5 de Junho de 1867, representou o director da C.M.P.S. não haver fundamento para a alteração, proposta em 1862 e superiormente aprovada, e, por Despacho de 15 também de Junho de 1867, foi determinado que as moedas de ouro do reinado do Senhor D. Luís I devem ter o escudo das armas guarnecido do manto real, em harmonia com o disposto na Carta de Lei de 29 de Julho de 1854.

É o que se tem verificado nas moedas de ouro de 5$000 reis e de 2$000 reis, e o que deverá também verificar-se nas de 10$000 reis.

— É certo que, como os décimos de coroa, ou 1$000 reis em ouro, foram cunhados só no reinado do Senhor D. Pedro V, nos anos de 1855 e 1856 (1), *e como não houve ensaios preliminares, sobre o ponto em questão, e que constem do Arquivo desta Casa, quando foram preparados os artigos para a Carta de Lei de 29 de Julho de 1854, nada há que se oponha a ser tomada em consideração a representação constante do ofício do primeiro gravador, Frederico Augusto de Campos, e que por isso entendo que ela deve ser atendida superiormente e que deve ser per-*

---

(1) A moeda de ouro de 1$000 reis de D. Pedro V foi efectivamente cunhada durante os anos de 1855 e 1856, como consta nas «Estatísticas» de ouro amoedado na Casa da Moeda de Lisboa: 6100 exemplares no 2.º semestre de 1855 e 61 957 exemplares no 1.º semestre de 1856, num total de 68 057 moedas de 1$000 reis. Dada a inexistência de exemplares desta moeda com data de 1856, conclui-se que todas elas foram cunhadas com era de 1855, por aproveitamento, em 1856, dos cunhos datados do ano anterior, foi corrente em certas épocas, tendo-se infelizmente, generalizado nos últimos 50 anos.

Como resultado, as «Estatísticas das moedas de ouro, prata, bronze ,cobre, etc.» que se cunharam na Casa da Moeda de Lisboa, divulgaram números inexactos e baralharam completamente a estatística que mais interessa aos numismatas: relação anos de cunhagem — era das moedas.

São raros os casos em que o estudo das estatísticas publicadas permite concluir do número total e exacto de moedas cunhadas com uma determinada era. O exemplo acima referido — 1$000 reis de 1855 — é um deles.

mitida nas moedas de ouro de 1$000 reis a substituição do retrato, ou das armas, conforme o melhor resultado que o mesmo gravador obtiver nos ensaios a que está procedendo.

= Deus Guarde V. Ex.ª = Casa da Moeda e Papel Selado 15 de Maio de 1878 = Ill.mo e Ex.mo Sñr. Conselheiro Director Geral da Tesouraria do Ministério da Fazenda = José de Saldanha Oliveira e Souza.

(Segue cópia do ofício do primeiro gravador, datado de 9 de Março de 1878.)

(Idem, Livro 24-B.)

★

Foi este D. José de Saldanha Oliveira e Souza outra personagem notável, cuja obra reflete o espírito estudioso, metódico e lúcido de um grande Administrador.

Formado em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra, ingressou nos quadros da Casa da Moeda de Lisboa, tendo sido nomeado seu Director Geral a 11 de Outubro de 1869, contando 30 anos apenas. Nesse mesmo dia dá termo de abertura a dois importantes livros de registo: Livro 1A, de correspondência interna recebida e livro 1B, de correspondência interna expedida. Simultaneamente, publica uma série de ordens de serviço que vão pôr cobro ao caos administrativo em que a Casa da Moeda estava mergulhada. Nesses livros encontram-se registos preciosos de documentos muito importantes para o estudo da numária de El-Rei D. Luís, a par de ensaios de toque em moedas antigas, cálculos e orçamentos de amoedações várias. A 29 de Dezembro manda distribuir outros livros de escrituração, igualmente importantes: «Conta de entradas e saídas dos cunhos no respectivo depósito»; «Conta de entradas e saídas dos cunhos na oficina da máquina de amoedar»; «Estatísticas das amoedações na máquina de amoedar», etc., etc., que revelam bem o seu espírito meticuloso e burocrata, ao qual ficamos a dever a existência de registos que permitem a análise e o estudo das amoedações nessa época.

Além deste seu trabalho como Administrador, deixou-nos inúmeros pareceres sobre reformas monetárias, sobre ligas e metais, sobre legislação monetária. Das suas obras publicadas salientam-se os seguintes trabalhos ,muitos dos quais completamente desconhecidos ou esquecidos dos estudiosos da numismática portuguesa: «Apontamentos para a História da Gravura em Portugal» (1879);

«Reportório Cronológico da parte da legislação portuguesa sobre moedas»; «Da Uniformidade da Moeda em todos os países» (1873); «Apontamentos para a História da Moeda em Portugal» (1878); «Estatísticas das moedas...» (1873), etc.

Podemos ainda afirmar que mestre Teixeira de Aragão viu o seu trabalho imensamente facilitado, ao encontrar à frente da Casa da Moeda de Lisboa um homem de alta craveira científica e verdadeiro técnico-numismata.

Sem ele, e sem muitos como ele, a célebre «Descrição Geral e Histórica...» daquele Mestre não teria alcançado o brilhantismo que, muito justamente, se lhe atribui.

A 24 de Fevereiro de 1880, por razões que ainda desconhecemos, pede Oliveira e Souza a exoneração do cargo de Director da Casa da Moeda, tendo sido substituído, a 22 de Março, por Augusto José da Cunha.

Acabaram os livros de escrituração, acabaram os registos metódicos, pacientes e exigentes.

Ficámos mais pobres.

★

Frederico Augusto de Campos e José de Saldanha Oliveira e Souza: duas vidas, dois Homens, duas obras a recordar, a estudar, a divulgar.

★

A ordem de amoedação determinada a 13 de Fevereiro, veio a sofrer uma alteração em Abril. O registo do ofício enviado nesse sentido, pelo Ministério da Fazenda, elucida-nos da razão porque foi suspensa a cunhagem da moeda de ouro de 2$000 réis, no 2.º semestre de 1878, quando se encontravam cunhadas 21 500 exemplares (estatística de 1.º semestre).

Ill.mo e Ex.mo Sñr. = Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Fazenda, encarrega-me de comunicar a V. Ex.ª que, à vista da grande procura que têm as novas moedas de 10$000 reis, convém que V. Ex.ª faça amoedar nestas moedas não só o ouro, que ali existe de conta do Tesoureiro, mas o que for levado pelos particulares (a que V. Ex.ª se servirá mandar pagar em libras ou notas do Banco de Portugal), com excepção de 2:000$000, que serão cunhados em moedas de 1$000 reis. Ficam, por esta maneira, modificadas as instruções expedidas anteriormente à Repartição ao digno cargo de V. Ex.ª =Deus Guarde a V. Ex.ª — Direcção Geral

da Tesouraria 23 de Abril de 1878 = Ill.mo e Ex.mo Sñr. Director Geral da Casa da Moeda = José António Gomes Lages.
(Idem, livro 24A, fl. 97.)

Por aqui se pode ver que, em menos de um mês, tinha Campos aprontado os cunhos para a moeda de 10$000 réis, dedicando-se depois aos estudos das gravuras da moeda de 1$000 reis.

Dos ensaios então realizados, deciciu-se pela substituição, no reverso, do escudo sobre manto real coroado.

Batalha Reis descreve, na «Cartilha» e no seu «Preçário», as seguintes moedas-ensaios datados de 1879:

1$000 REIS (Fig. 1)

— 1879 — AE (reverso dos 50 reis) — RRR (Fig. 2).
— 1879 — AV (reverso, escudo sobre manto real coroado) — RRRRR (único).

AV — 1$000 REIS DE 1879 (Fig. 1)

A existência deste último ensaio, que é peça única e cujo paradeiro desconhecemos, dá-nos a entender que F. A. Campos levou os seus estudos ao ponto de demonstrar cabalmente a sua teoria (ofício de 9 de Março), tendo finalmente optado por um reverso análogo ao da moeda de prata de 50 reis.

Ill.mo e Ex.mo Sñr. = Tenho a honra de inclusa enviar a V. Ex.ª uma prova da moeda de 1$000 reis em ouro, obtida com os cunhos fornecidos pelo 1.º gravador desta Casa, Frederico Augusto de Campos, o qual, em razão das dificuldades apontadas na representação que acompanhou o meu ofício n.º 342, datado de 15 de Março de 1878, resolveu substituir as armas por um reverso análogo ao que é empregado na moeda de prata de 50 reis, com a diferença do valor em reis. Essa substituição, na qual eu não vejo inconveniente algum prático, pode chamar a atenção de uma ou outra pessoa, para o estudo da legalidade com que ela tenha sido feita, assunto este a que também já me referi no mesmo

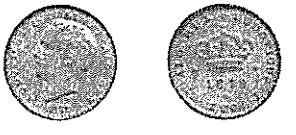
meu ofício citado e por isso entendo que é dever do Director da C.M.P.S. rogar a V. Ex.a se digne expor tudo o que deixo indicado a S. Ex.a o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, na esperança de que V. Ex.a também se digne de me declarar, depois, se posso mandar proceder à cunhagem dos dois contos de reis, autorizados pelo ofício de V. Ex.ª de 13 de Fevereiro de 1878, com os cunhos em questão. = Deus Guarde V. Ex.ª = Casa da Moeda e Papel Selado, 9 de Outubro de 1878 = Ill.mo e Ex.mo Sñr. Conselheiro Director Geral da Tesouraria do Ministério dos Negócios da Fazenda. = António Augusto Pinheiro.

(Idem, livro, 24B, fl. 174 v.º)

Tratava-se do exemplar reproduzido na figura 1 e pertencente ao M.N.P.

Pelo grau de raridade que Batalha Reis lhe atribui, deduz-se da existência de, pelo menos, outro ensaio idêntico, cujo paradeiro não nos foi possível averiguar.

Deve encontrar-se, como muitas outras preciosidades numismáticas, em alguma antiga colecção portuguesa, longe dos olhos dos coleccionadores e numismatas, qual tesouro do Imperador da Pérsia na sua cave encerrado, improdutivo e inútil... Perante casos destes lembram-nos as palavras do Poeta: «...Réptil dobrado na toca, / Fio enroscado na roca, / Cobra de cauda na boca / perseguindo-se em redor, / Malha frustrada na teia, / Sangue fechado na veia / Não és sangue redentor!»



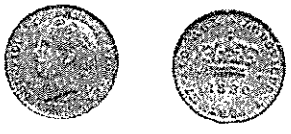
AE — ENSAIO DATADO 1879/1879 (Fig. 2)

★

Outros ensaios são conhecidos, mas estes datados de 1879 (anverso) — 1880 (reverso) — (Cobre, RRR; *figura 3*) e de 1883, com reverso idêntico ao exemplar reproduzido na fig 1 (*Ouro, RRRRR; paradeiro desconhecido),* o que nos indica ter F.A.C. continuado os seus estudos desta moeda, até 1883. Contudo, nada a esse respeito se encontra registado nos Arquivos consultados.

Quanto aos cunhos, matrizes e punções destes ensaios, possui o M.N.P. diversos, mas nenhum deles diz respeito às moedas cujo reverso ostenta o escudo sobre manto real coroado.

(«Catálogo Geral de modelos, ...». Lisboa, 1960, págs. 51/52, 57.)



AE — ENSAIO DATADO 1879/1880 (Fig. 3)

Para terminar este estudo, resta-nos apresentar o veredicto final do Ministro da Fazenda, decisão essa que nos privou, para sempre, da possibilidade de possuirmos a série completa das moedas de ouro do reinado do Senhor D. Luís I.

Ill.mo e Ex.mo Sñr. = Sua Ex.ª o Sñr. Ministro da Fazenda, a quem foi presente o ofício de V Ex.ª n.º 203 expedido em 9 do corrente acompanhado de uma moeda de 1$000 reis para prova das que se mandaram cunhar em 13 de Fevereiro de 1878, determinou, por despacho da Secretaria, que se suspenda a cunhagem ordenada, ficando consequentemente para ulterior resolução a aprovação ou não aprovação da citada prova, que tenho a honra de devolver a V. Ex.ª, parecendo desnecessária qualquer escrituração com respeito ao movimento da mesma prova. = Deus Guarde a V. Ex.a — Direcção Geral da Tesouraria, 18 de Outubro de 1879 = Ill.mo e Ex.mo Sñr. Director Geral da Casa da Moeda = José António Gomes Lages.

(Idem, livro 25A, fl. 6.)

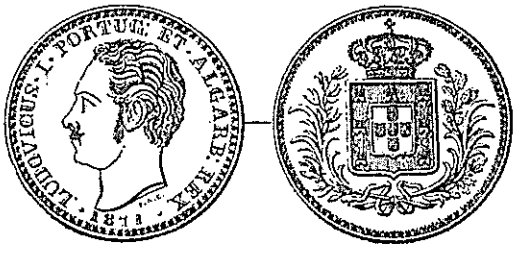
E mais não consta.

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

DESCRIÇÃO GERAL E HISTÓRICA DAS MOEDAS CUNHADAS EM NOME DOS REIS, REGENTES E GOVERNADORES DE PORTUGAL

Pecunia totum circumit orbem.
(Nas moedas de cobre para o Brasil).

PRIMEIRO VOLUME



LIVRARIA FERNANDO MACHADO — PORTO

Frontespício do Primeiro Volume da 2.ª edição publicada em 1964.

ACUÑACION DE JUAN I DE CASTILLA COMO REY DE PORTUGAL

por ANTONIO OROL PERNAS

Es un honor y un placer, escribir estas letras, para con ellas unirme al homenaje de ese gran numismatico que fué Augusto Carlos Teixeira de Aragão.

La acuñación a que voy a referirme la dí a conocer en la conferencia que pronuncié en la Sociedad Iberoamericana de Estudios Numismáticos en Madrid, el 17 de Enero de 1974 (Fábrica Nacional de Moneda y Timbre).

Se trata de un dinero de vellón (cornado) de aspecto general, similar a otros acuñados por este monarca, pero con unas particularidades que la hacen realmente excepcional.

El último compromiso de matrimónio (Tratado de Salvatyerra de Magos), que adquirió Fernando I de Portugal, para su joven hija Beatriz, fué en 1383 con Juan I de Castilla por entonces viudo de Leonor de Aragón. El matrimonio se llevó a cabo el 18 de Mayo de 1383 en Badajoz. A esta boda no pudo asistir Fernando I por su delicado estado de salud; murió poco después (22 de Octubre — de dicho año).

A la muerte de Fernando I y según lo estipulado, Beatriz heredaba el reino de Portugal; Juan I se nombraba Rey hasta que hubiera un hijo de 14 años y el gobierno lo ejerceria la reina viuda Leonor Teles.

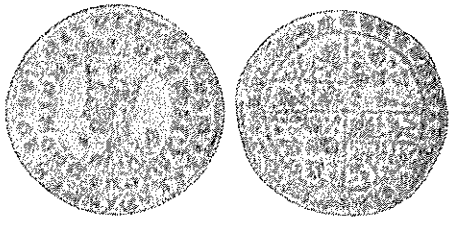
Muerto Fernando I estalla una insurrección contra Leonor Teles y Juan I de Castilla, que encabeza Juan Maestre de Avis.

En 1384 Leonor Teles abdicó la regencia en Juan I. En este mismo año Juan I de Castilla pone sitio a Lisboa. En 1385 se celebran las cortes de Coimbra en las que se elige rey a Juan Maestre de Avis (6.4.1385) con el título de Juan I de Portugal. En Julio de este año Juan I de Castilla se adentra en Portugal y llega a los campos de Aljubarrota en donde se dió la batalla de este nombre. — El numeroso ejército del rey castellano es vencido por el menos numeroso pero más astuto ejército portugués (14.8.1385).

Juan I continua con sus pretensiones al trono portugués. A la vez que Juan de Gante, Duque de Lancaster pretende el castellano — por estar casado con la hija de Pedro I de Castilla y Maria de Padilla.

Este suceso originó unas acuñaciones por parte de Juan de Gante que dió a conocer en estas mismas páginas, Pio Beltrán Villagrasa.

Los hechos históricos aquí resumidos dieron lugar a la acuñación del hermoso e interessante real de la reina Beatriz titulandose Reina de Castilla y Portugal (Figura 1).



Figura, 1. Real de Beatriz (Museo Arqueologico Nacional, Madrid)

Resulta extraño que Juan I de Castilla no acuñara a su vez ninguna moneda con el título de Rey de Portugal, sabiendo que no desaprovechava ocasión para nombrarse como tal, según puede verse en documentos, sellos, etc.

Esta extrañeza desapareció y, el real de Beatriz, ¡ ten cumpañero,! como dijo, cuando vió el vellón que originó estas letras, mi buen amigo J. Ferraro Vaz.

Este cornado de Juan I de Castilla apareció en Galicia de donde vino a parar a mis manos, lo cual me produjo una imensa satisfación, pues a pesar de ser um simple vellón, es un autentico documento histórico.

La descripción de este cornado es la siguiente: (Figuras 2 e 2-A)

Figura, 2-A. Cornado de Juan I de Castilla titulandose Rey de Portugal (tamaño natural)

Figura, 2. Cornado de Juan I de Castilla titulandose Rey de Portugal (ampliado)

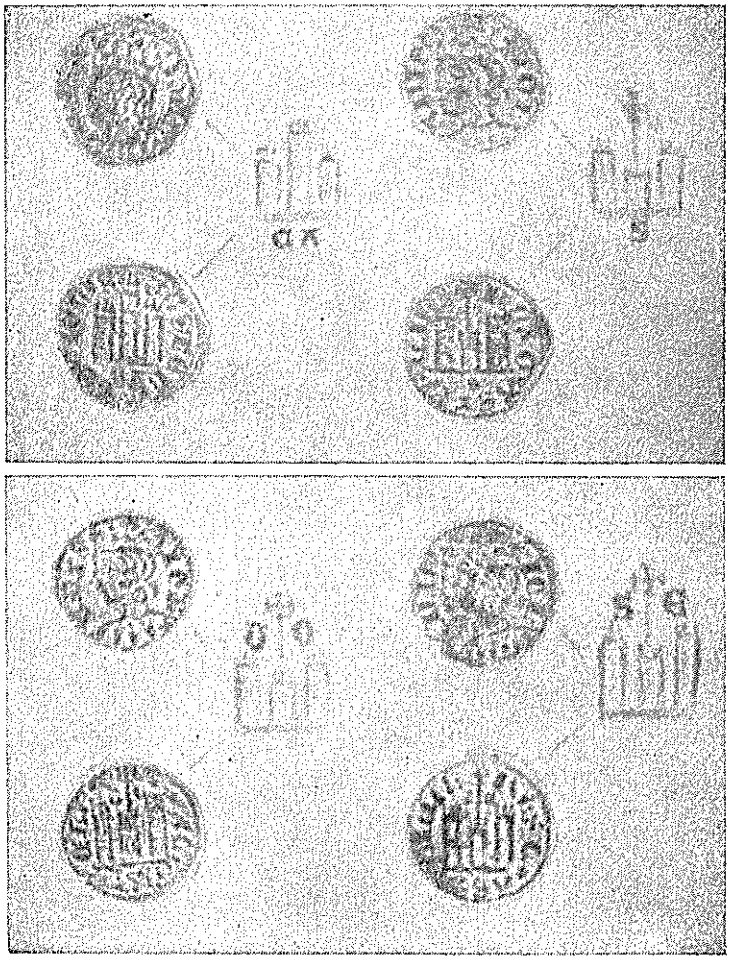
Anverso: Busto del rey coronado a la izquierda y la leyenda IOANIS REX, que comienza en la parte derecha de la corona y termina a la izquierda interrumpiendose por el ropaje del monarca entre la N y la I.

Reverso: Castillo de tres torres almenadas, la del centro más alta con la leyenda: LEGIONIS : PPORTOG: y a los lados del castillo la marca de ceca «Ç», a la izquierda; y a la derecha «A», o sea Çamora (Zamora).

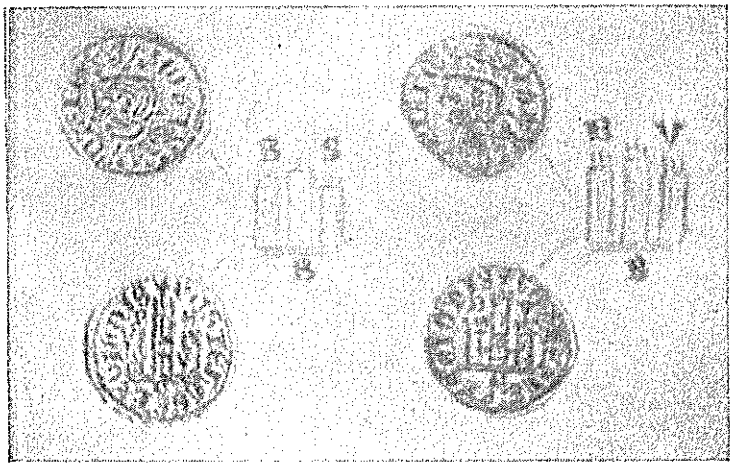
En los cornados castellanos normales de este monarca los tipos son similares cambiando la leyenda y la situación de la marca de ceca, cambios que modifican totalmente el sentido de esta acuñación con respecto a aquellos, que son cornados castellanos y este es un cornado castellano portugués.

Como indiqué no solo la leyenda hace referencia a Portugal, sino también la situación de la marca de ceca que imita las acuñaciones portuguesas de la época estando a derecha e izquierda del motivo-principal.

En los cornados de este reinado y en todos los de la Edad Media Castellana, la marca de ceca se situa normalmente en la base del castillo o encima de las torres laterales, pero no se conoce ninguno que la situe en la forma que figura en este vellón. (Figuras 3, 3-A e 3B).



Figuras 3 e 3-A — Cornados castellanos de Juan I (diversas cecas)



Figura, 3-B — Cornados castellanos de Juan I (diversas cecas)

La leyenda de los cornados castellanos de este monarca es: IHOANIS REX CASTELLE ELEGIONES (IS), en muchos casos incompleta por falta de espacio y a veces con algún error como la duplicidad de la leyenda — en anverso y reverso.

Nótese que en la leyenda del cornado portugués castellano se repite la P de Portugal y creo se debe a un error del grabador de cuños, pues la teoria de que el significado de la primera P pudiera ser principe o pretendiente estimo que no tienen fundamento histórico.

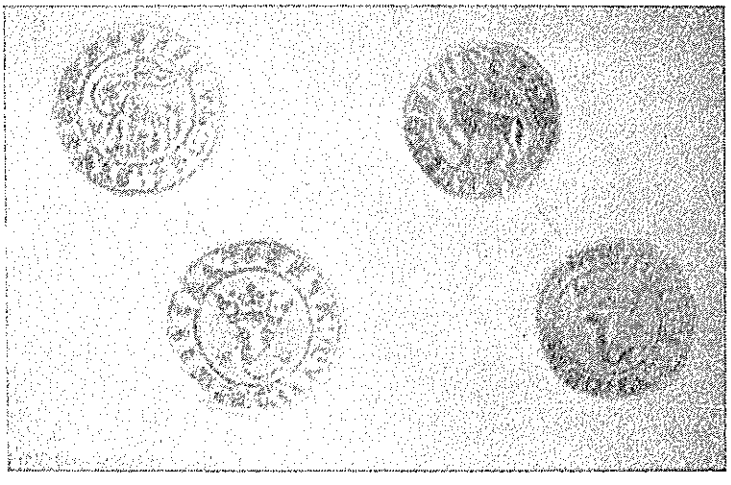
Cuando se acuñó este cornado? El ser el único conocido, nos ayuda muy poco para situar su fecha dentro de los años que Juan I de Castilla mantenía sus pretensiones a la corona Portuguesa.

Mi opinión al respecto, es de que está acuñada antes de la batalla de Aljubarrota (14.8.1385) y después de las Cortes de Coimbra (6.4.1385), en que se elige rey a Juan Mestre de Avis (Juan I de Portugal).

Esta opinión no tiene ningún argumento definido a su favor, pero tampoco ninguno en contra. Juan I de Castilla se cree con derecho al trono portugués, las Cortes de Coimbra no lo creen así, y éste prepara

la invasión de Portugal. Dicha invasión es la que da pié para esta acuñación titulándose rey de Portugal y con la marca de ceca, en posición similar a la de las monedas portuguesas, incluso pensando en su puesta en circulación en este país.

La ceca que acuñó este vellon, corresponde a Zamora que tanta relación tuvo con este reinado. Concretamente en ella tuvo su cuartel general Juan I de Castilla en sus luchas contra Juan de Gante; luchas que no solo dieron lugar a las acuñaciones de Juan de Gante como antes indiqué, sino también de blancos de Agnus Dei por parte del rey de Castilla para financiar los gastos de esta guerra. (Figura 4).

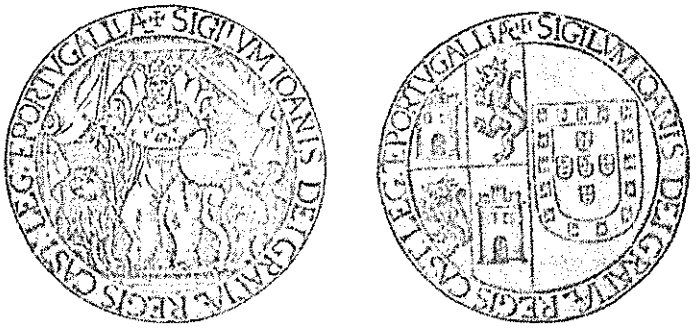


Figura, 4. Blancos del Agnus Dei.

Los sellos de que tengo referencia de Juan I titulándose rey de Portugal abarcan desde 1384 a 1389 o sea, que la fecha por mi propuesta para esta acuñación está dentro de estos años. Estos sellos son los siguientes:

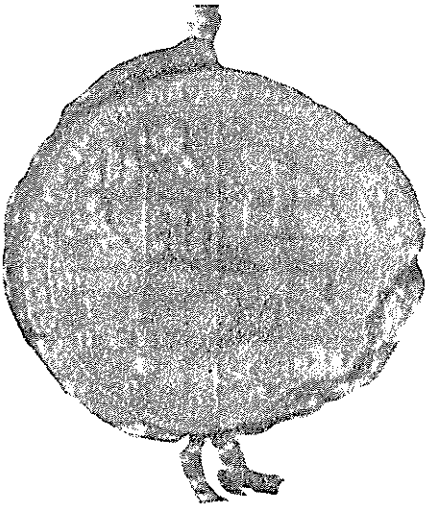
Carta dada en Madrigal 6.10.1384 (Archivo Histórico Nacional).

Carta dada en Avila 9.11.1386 (Biblioteca Nacional) (Figura 5).



Figura, 5. Sello de Juan I de Castilla (reducido de tamaño).

La Leyenda de este sello es similar a la de los otros aquí reseñados.
Carta dada en Segovia 20.5.1389 (Archivo Histórico Nacional).
Carta dada en Segovia 3.6.1389 (Archivo Histórico Nacional).
Carta dada en Sotosalvos (Segovia) 15.6.1389 (Archivo Histórico Nacional).
De Beatriz existen dos sellos en el Ar. H. Nnal.
Carta dada en Avila 5.8.1385.
Carta dada en Segovia 8.6.1389 (Figura 6).



Figura, 6. Sello de Beatriz.

La leyenda de estos dos sellos de Beatriz es: + S. BEATRICIS : DEI : GRATIA : REGINE : CASTELLE : E LEGIONIS : ET : PORTOGALIA.

El primero de estos sellos de Beatriz tiene el interés de pertencer a un documento con fecha en 10 días anterior a la batalla de Aljubarrota.

Termino estas letras dedicadas a una pequeña moneda, grande en contenido, que le cabe el honor de haber sido testigo de una de las épocas más brillantes de la historia nacional Portuguesa y clave en las relaciones internacionales Europeas.

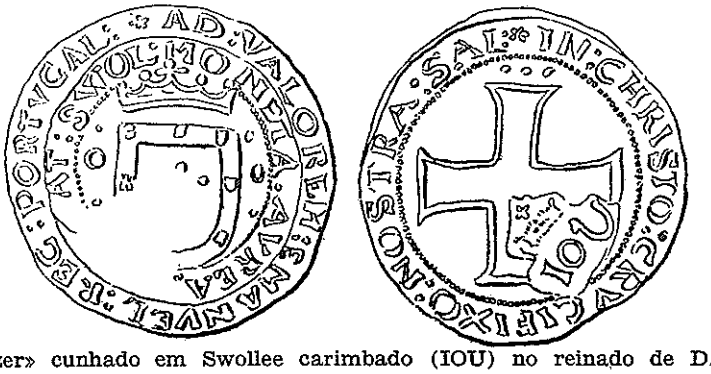
PORTUGUESES DE D. MANUEL I

por J. FERRARO VAZ

TEIXEIRA DE ARAGÃO, a quem presto homenagem, é o categorizado Autor que estabelece em bases científicas a Numismática Portuguesa. Ainda que precedido de escritores eminentes, também numismólogos, como CAETANO DE SOUSA (1) e LOPES FERNANDES (2), é ARAGÃO que critica, que coordena, que arruma e que documenta sistematicamente a moeda de Portugal.

A sua Obra, centenária, continua a ser em quase todos os campos o guia do numismata quando estuda as espécies que correram no Espaço Nacional (3).

Naturalmente, vão surgindo com o tempo mais moedas e mais documentos. Mas, tudo cabe nos horizontes por ele definidos. Quando muito, pode-se ampliar um ou outro capítulo, pode-se iluminar um ou outro ponto obscuro. E nesta esteira, vou tentar pôr em destaque e emoldurar com algumas observações uma peça que Mestre ARAGÃO regista na sua monumental *Descripção Geral e Historica das Moedas* (4).



«Portugalozer» cunhado em Swollee carimbado (IOU) no reinado de D. João IV. Copia em chumbo existente na Biblioteca Nacional e reproduzida em desenho com o n.º 1 na estampa XIII da Descrição Geral e Histórica.

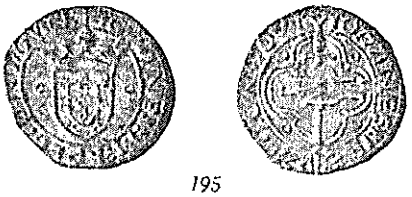
---

(1) *Historia Genealogica,* Tomo IV. Lisboa, 1738.

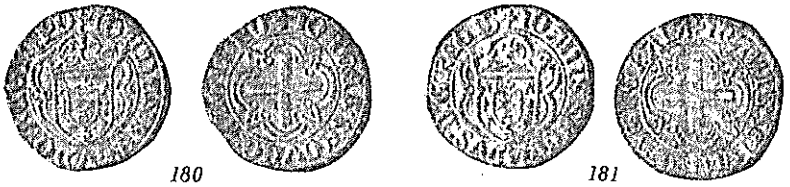
(2) *Memoria das Moedas Correntes em Portugal,* Lisboa 1856.

(3) As suas publicações abrangem: Moedas Romanas; Moedas de Portugal Continental e das Ilhas Adjacentes; Moedas da Índia; & Moedas de Moçambique.

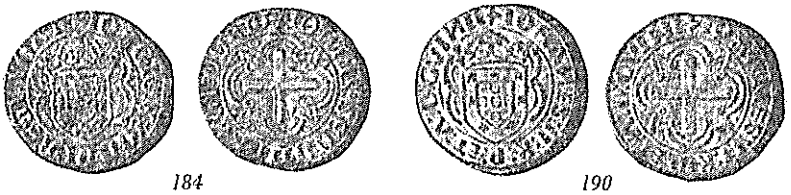
(4) Tomo I, Est.ª XIII, N.º 1. Lisboa, 1874. (Há 100 anos).



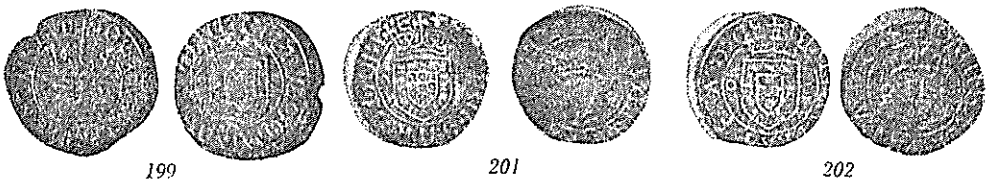
195



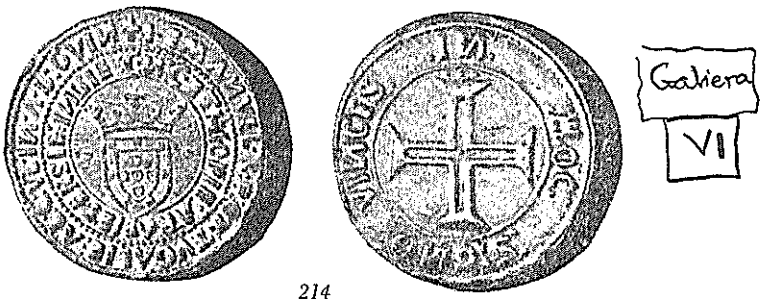
180 181



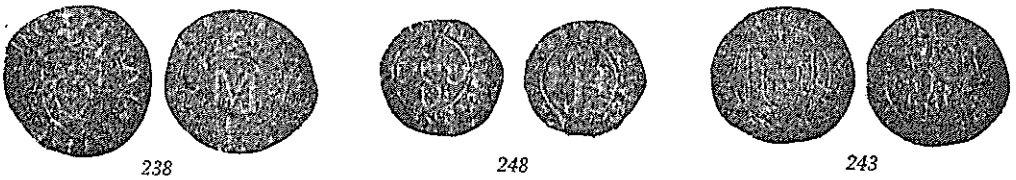
184 190



199 201 202



214



238 248 243

A moeda com o n.º 214 é um «PORTUGUES» de D. Manuel I

Trata-se de um «*portuguez,* moeda de El-Rei de Portugal» conhecido apenas por uma reprodução em chumbo. Uma peça que, segundo informa, era «existente na bibliotheca nacional de Lisboa»; representará o primitivo «*portuguez* em oiro de que falla o consciencioso escriptor Gaspar Correia; lavrado, antes da saída da primeira expedição à Índia, em Swolle (Holanda)»; e foi «tirada de um exemplar carimbado no reinado de D. João IV», que teria pertencido a D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas... Assunto que ficou por aqui.

Recentemente, PEDRO BATALHA REIS refere na sua *Cartilha da Numismática Portuguesa* (1952) que a «reprodução do português do 1.º tipo» continuava na Biblioteca Nacional (1). O que vem a ser notícia muito importante, pois actualiza e localiza a existência desta espécie única, trazida à luz por TEIXEIRA DE ARAGÃO.

Já tinha procurado esta peça de chumbo, que tanto me intrigava, quando fiz um estudo que vim a publicar sob o título *Moedas de ouro Carimbadas na Época de D. João IV* (2). Mais tarde, orientado pela notícia de 1952, insisti na busca, que se arrastou até 1970!

Depois de variadas tentativas, sem êxito, junto da Direcção da Biblioteca Nacional, sobreveio o roubo lá havido nos «Reservados» que interditou o acesso às intimidades daquela Instituição Pública durante muito tempo.

Por fim, munido de uma apresentação oficial, lá forcei a porta do «Gabinete de Numismática» (ainda no Largo da Biblioteca), onde no meio de uns resíduos do rico numofilácio descrito por ARAGÃO (3) em 1874 e por LEITE DE VASCONCELOS (4) em 1923, logo encontrei o decantado chumbo reproduzido por aquele Autor... e muito bem reproduzido.

Ora, como parecia ressaltar da gravura, n.º 1 da Est.ª XIII (5), pude confirmar tratar-se de moeda Holandesa, imitação dos *portugueses* de D. Manuel I, que por cá andava e recebeu carimbo na época de D. João IV.

---

(1) Vol. I, 345. Antes (1911), LEITE DE VASCONCELLOS o tinha incluído no *Inventario das Moedas Portuguesas da Bibliotheca Nacional.* In «Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes», N.º 4 — 9.º anno.

(2) 1949. Separata do fasc. 3-4 do Vol. LIX da «Revista de Guimarães».

(3) Ob. cit., I, 97.

(4) *Da Numismática Em Portugal,* 246. Lisboa, 1923.

(5) ARAGÃO, *ob. cit.,* I.

Pena tenho não poder reproduzir esse monumento tal qual, pois me foi interdito fazê-lo, mas o fiel desenho de ARAGÃO bastará, desde que se assegure que dentro do escudo há uma figura (em vez das quinas) como nos «portugalozers» que ainda existem, felizmente, nos museus Holandeses (Amsterdam e Haia) e se podem ver em várias publicações (1).

Há, contudo, uma dificuldade que não consegui vencer: — é a que diz respeito ao grande módulo (43 mm) da peça de chumbo (2).

Não cheguei a descobrir moeda do tipo em causa com tal módulo, ainda que JOÃO PEDRO RIBEIRO diga ter visto um original destas peças (possivelmente a que o chumbo n.º 1 retrata) que teria ido enriquecer a colecção de D. Frei Cenáculo (3), como já refere ARAGÃO (4). Mas, a Holanda tem muitos museus e eu não os conheço a todos.

Entre as informações acerca de «portugalozers» interessa destacar um artigo do cidadão de Zwolle JOHAN VOETELINK (antigo cônsul honorário de Portugal) na revista «Olissipo» (5). E, para tanto, peço vénia para transcrever na íntegra.

«PORTUGALOZERS»

No Século XVII contrafaziam-se em três cidades da Holanda, Zwolle, Middelburgo e Gorinchem moedas de outros países, as quais eram destinadas à exportação.

Assim, os Burgomestres e Vereadores da minha cidade natal, Zwolle, deram ao director da Casa da Moeda licença para cunhar Portugalozers, *sem estipulação de peso ou de quilate, como consta da Resolução de 18 de Fevereiro de 1641 (6).*

---

(1) M. G. A. DE MAN, in «Jaarboek voor Munt - en Penningkunde» XVII. Amsterdam, 1930; e A. O. VAN KERKWIJK, in mesma revista, XVIII de 1931.

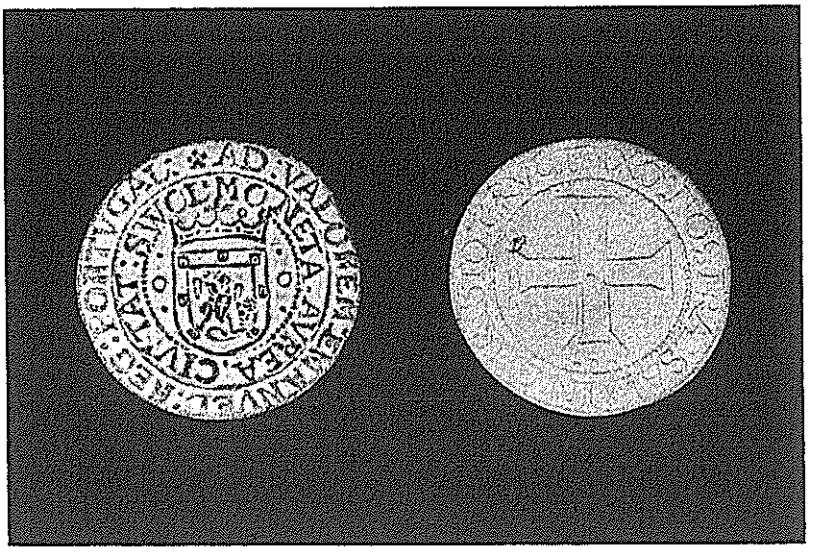
(2) Que poderia ser uma tentativa de imitar com melhor aparência.

(3) *Reflexões Historicas.* Coimbra, 1835. Parte I, N.º 4: «Vi não menos uma moeda de ouro de D. Manuel de peso e toque dos Portuguezes, tendo com tudo da parte da Cruz a diversa legenda = *In Christo Crucifixo nostra salus* = e do anverso as Armas Portuguezas com a legenda em dous circulos, no interno = *Moneta aurea Civitatis SWOL,* = e no externo = *Ad valorum Emmanuel Regis Portugal.* = Esta moeda me disserão a adquirira posteriormente o Grande Cenaculo, e ignoro se foi envolvida no saque dado em Evora pelo Exercito Francez».

(4) *Ob. cit.,* I, 251.

(5) «Boletim Trimestral do Grupo Amigos de Lisboa», Ano XVI — N.º 61 (1953).

(6) *Corpus Sigillorum Neerlandicorum,* H. BRUGMANS & K. HEERINGA. S-Gravenhage (Haia), 1937-40.



Reprodução em gesso de um Portugalozer de Zwolle

Estes Portugalozers *eram moedas de ouro, hoje desaparecidas. Existe (ou pelo menos existiu) um único exemplar, a saber, na Biblioteca Real na Haia. Obtive em 1919 licença de mandar cunhar a cópia em gesso que naquele ano ofereci, emoldurada, à Sociedade de Geografia de Lisboa. Curioso é que, uns anos depois, visitei a Biblioteca Nacional em Lisboa, tendo por cicerone amável e ilustre o Director Sr. Costa Veiga, que me mostrou um modelo em chumbo de uma moeda desconhecida. Verifiquei logo que era o de um* Portugalozer *de Zwolle e dei ao Director as explicações que me pareciam precisas.*

O Portugalozer *(veja-se a cópia na Sociedade de Geografia) servia provàvelmente para efectuar pagamentos nas Índias neerlandesas, onde os indígenas conheciam só o dinheiro português, de maneira que os Holandeses fabricavam moedas que, mais ou menos, se pareciam com as de Portugal.*

Eis a descrição do Portugalozer: *No anverso (em dois círculos concêntricos) Ad: VALOREM: EMANVEL: Reg. Portugal. — Moneta. Aurea. Civitat. SWOL. Ao meio, o escudo português, encimado pela coroa,*

e, dentro do escudo, em lugar dos castelos, o patrono da cidade de Zwolle, o arcanjo S. Miguel com o dragão debaixo dos pés. De cada lado do escudo, dois pequenos pontos e dois pequenos círculos (*).

No reverso: Na orla, o dístico: In: Christo: Crucifixo: Nostra: Sal. No meio encontra-se a cruz de Cristo.

«Portugalozer» de Zwolle

Ora, desde que se põe em dúvida que o N.º 1 de ARAGÃO possa reproduzir um exemplar dos *portugueses* de D. Manuel I que Vasco da Gama levou consigo na viagem empreendida em 8.VII.1497 com rumo à Índia, onde chegou em Maio de 1498, teremos de harmonizar as notícias que àcerca de tal moeda nos dão os dois consagrados cronistas da Era das Descobertas, GASPAR CORREA (que nasceu em 1496) e DAMIÃO DE GOES (em 1502)... Notícias que, com as próprias espécies, são os únicos documentos conhecidos acerca da bela numária do *Rei Venturoso.*

Assim, nas *Lendas da Índia,* GASPAR CORREA conta que Vasco da Gama, durante a sua gloriosa viagem, oferecera a várias entidades do *Oriente* «Portuguezes de dez cruzados» (1), bem como «cruzados», tostões de prata» (2), «vintens» e «meos vintens».

Enquanto que DAMIÃO DE GOES, na *Chronica d'El-Rei D. Manuel,* diz que este Rei «mandou lavrar no anno do Senhor de Mil quatrocentos, noventa, e nove os Portugueses douro, de dez cruzados de valor cada hum

(1) Tomo I, Parte I, págs, 67, 89, 110, 112 & 121 (23 *portugueses*).
(2) Idem, págs. 54, 61, 62, 68, 89 & 121.
(*) *Nota da Redacção* — O autor, transcrevendo na íntegra, não quiz alterar a descrição de Voetelink, que apresenta duas ligeiras incorrecções: assim onde está «castelos» devia estar «quinas» e em lugar de dois pequenos círculos (aneletes) devia dizer-se um pequeno círculo.

de XXIIII. quilates, que era ha mesma lei dos cruzados, os quaes Portugueses tinham de uma parte por cunhos a cruz da ordem de Christus, e hum letreiro que dizia, In hoc signo vinces, e da outra parte tinhão o escudo das armas do regno com sua coroa e dous letreiros, hum na garfilla de fora ao redor que dizia Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra, e ultra in Africa, e dominus Guinae, e outro letreiro ao redor das armas que dizia conquista navegaçam, comercio Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indae [...] E no anno de M.D.IIII mandou lavrar os Portugueses de prata de valor cada hum de quatrocentos reaes com os mesmos cunhos, devisas, e letreiros dos Portugueses douro, e destes de prata mandou fazer meos, e quartos [...] mandou forjar de novo os tostões que são os quartos dos Portugueses de prata com a mesma divisa» (1).

Este Autor diz noutro capítulo da mesma *Chronica* que «neste mesmo anno (1500) depois del Rei ser casado (com D. Maria) acrescentou ao titulo que tinha de Rei de Portugal, e dos Algarves, daquem, e dalem, Mar em Africa, senhor da Guiné, o título da conquista, navegaçam, e comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India» (2).

Realmente à luz do que se vem expondo, não se poderá aceitar a referida peça de chumbo como reprodução de um «português do 1.º tipo» de D. Manuel (ainda que admitindo ter havido *portugueses* antes dos de 1499 de que fala Goes). E essa negativa será reforçada pela análise de documentos e factos em confronto, que permitirá fazer as seguintes observações:

A — Os *Portugueses* e os *tostões,* que são moedas que aparecem pela primeira vez no reinado de D. Manuel (1495-1521), teriam sido cunhados antes da partida de Vasco da Gama em demanda do caminho para a Índia (Julho de 1497); e, talvez, para servirem nesta empresa de expansão Portuguesa.

B — Muito provavelmente, o Rei não iria encomendar aos Holandeses o fabrico da moeda destinada aquela viagem, cujo fim era segredo de Estado; e certamente para o caso especial dos *portugueses,* não iria admitir que estes fossem portadores das armas de Zwolle, em vez do Escudo das Quinas.

---

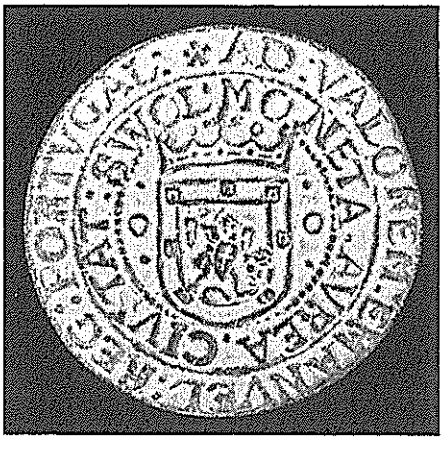
(1) Quarta parte, cap. LXXXVI.

(2) Primeira parte, cap. XLVI. Convirá anotar que as datas dos factos não se harmonizam com uma sequência lógica .

C — Por outro lado, dado o fim em vista, não seria descabido que o Rei mandasse inscrever naquela grandiosa peça de ouro, nomeada Português, os títulos que tinha e aqueles que resolvera conquistar... Todavia, atendendo a que há *portugueses* sem ÍNDIA e com ÍNDIA, ainda se poderia formular outra hipótese, relegando aqueles para as primeiras cunhagens.

E, concluindo, tudo convergirá a eleger o N.º 2 de ARAGÃO como único tipo daquela imponente moeda de *Dez Cruzados* que D. Vasco da Gama semeara pelo Oriente para proclamar a Grandeza do seu Rei.

Lisboa, 30 de Maio de 1974



«Portugues» de Zwolle (ampliação) e «Selo de Armas» da mesma cidade, nos quais se mostra o arcanjo S. Miguel subjugando o dragão.

OUTRO ACHADO DE MOEDAS ROMANAS EM CORUCHE

por JOAQUIM MARIA R. TELLES

Já em 1960 assinalei e classifiquei um conjunto de 700 moedas romanas que apareceram nos arredores de Coruche (Nvmmvs, vol. VI-3, n.º 22).

Há meses atrás, ainda em 1973, houve outro achado. Desta vez foi em Chão Barroso, na margem direita do Sorraia, a cerca de 5 quilómetros abaixo de Coruche e relativamente perto da Mata Lobinhos, local do outro achado, se bem que na margem oposta do rio.

Quando uma máquina andava a abrir uma vala junto à entrada do campo, apareceram bocados de telhas e moedas e, depois de observação mais cuidada, encontraram uma telha inteira com as moedas em pequenas pilhas deitadas na face côncava e cobertas com uma camada de barro.

Os achadores dizem que deviam existir duas ou três telhas com moedas antes de a máquina as partir.

Partiram a telha inteira, tiraram as moedas, apanharam as outras e parece que ainda ficaram algumas juntas com a terra; depois foram dando umas a amigos, poucas, entregaram umas vinte a um ourives para tentarem saber o valor e finalmente chegaram-me às mãos 443 moedas que verifiquei serem medianos e pequenos bronzes romanos, estes em maior quantidade.

É um número que já nos dá uma ideia do que poderia ser a totalidade e portanto permite tentar tirar conclusões sobre mais este achado.

Tal como o anterior, também este apareceu na linha de transição entre a Várzea e a Charneca, situação onde habitualmente existem os «montes», conjuntos de casas de habitação e mais dependências agrícolas relativos a uma herdade que tem terras de campo e de charneca.

O primeiro conjunto de moedas estava escondido num velho muro do monte, o segundo enterrado a uma profundidade de um metro a um metro e meio e perto do monte actual.

Nos dois sítios têm aparecido materiais de construções antigas, bem como alguns objectos romanos, vasos e ânforas em Mata Lobinhos.

Alguns destes montes serão local de «villas» romanas?

Nesta região o material de construção era tradicionalmente pobre, adobe e taipa com poucas cantarias que teriam que vir de longe.

Por vezes aparecem folhas de cortiça a reforçarem as paredes de terra.

Será que na época romana já se passava o mesmo e daí a dificuldade de edifícios que pudessem perdurar?

Mas também se pode tratar somente de nunca se terem feito escavações orientadas por pessoas competentes.

Quando da abertura dos canais da obra de rega do Vale do Sorraia apareceram em vários locais restos de construções e cerâmica que diziam ser romana mas tudo foi destruído e disperso sem estudo.

É natural que na época romana a várzea e encostas do Sorraia fossem de organização latifundiária, com as respectivas «villas» e só posteriormente se desse o fraccionamento em propriedades pequenas dalgumas das quais temos notícias desde o séc. XIII.

Lembremos ainda que uma das vias romanas de Lisboa a Mérida, e que seguia por Aritium Praetorium e Abelterium, devia passar por Coruche se bem que o seu traçado seja bastante confuso de definir nesta região (V. Jorge Alarcão — Portugal Romano).

Seria portanto uma zona de passagem que servia os exércitos romanos e também os povos invasores, sujeita a convulsões que assustavam as populações e as levavam a esconder os seus haveres que algumas não viriam a recuperar por morrerem ou não poderem regressar.

Nos dois achados as moedas mais recentes são de Arcádio e Honório como é frequente nos tesouros portugueses de moedas romanas.

Interessa-nos portanto o tempo de Honório que nasceu a 9 de Setembro de 384 dep. C. em Constantinopla, foi nomeado Augusto em 393 ainda em vida de seu pai, a quem sucedeu no Império do Ocidente em 395, sob tutela de Stilicão, e veio a morrer em Ravena em Agosto de 423; vejamos de relance o que se passava neste período principalmente na Lusitânia.

Por morte de Teodósio I as províncias do Império Romano foram divididas pelos seus dois filhos ficando Arcádio Imperador do Oriente e Honório, do Ocidente.

Com Honório começou a decadência do Império. Havia revoltas de generais que aclamavam novos imperadores e invasões doutros povos que ora se associavam ao imperador, ora se valiam das rebeliões e apoiavam os usurpadores.

Na Península Ibérica, cerca de 408 passava-se a guerra entre Honório e Constantino III que as tropas da Bretanha tinham aclamado e se apossara de Espanha.

Em 409, o general romano Jerôncio que governava a Espanha, deixou de apoiar Constantino III e seu filho Constante, proclamou Máximo e abriu passagem pelas montanhas aos Vândalos, Alanos e Suevos os quais depois duma guerra extremamente cruel se estabeleceram na Península, ficando os Alanos na Lusitânia (411).

Entre 416 e 418 foi a vez dos visigodos, que depois de por três vezes terem cercado Roma finalmente a tinham saqueado e vieram invadir a Espanha sob o comando de Ataulfo. Vália, sucessor de Ataulfo, fizera paz com o imperador e derrotou os Alanos que se foram reunir aos Vândalos Asdingos na Galécia e vieram mais tarde a ser vencidos por Asténio, comandante das tropas romanas na Península.

Parece que a influência do Imperador Honório começou a ser muito reduzida na Espanha desde aproximadamente 408-411 e assim poderemos concluir que as moedas agora encontradas terão sido escondidas antes ou durante esta época. E também somos levados a pensar que o Vale do Sorraia, arredores de Coruche, passou intensamente por estes acontecimentos, em especial a guerra contra o usurpador Constantino III e as invasões dos bárbaros, causas mais prováveis para terem levado as pessoas a esconder as moedas agora encontradas.

Passemos à sua classificação, a qual fazemos indicando o número de Teixeira de Aragão — Moedas Romanas, apontando as variantes e descrevendo as que faltam neste livro :

Cláudio II, o Gótico

Teixeira de Aragão 1712 variante: A mesma legenda e busto. Rv . AEQVITASAVG. A equidade de pé, à esquerda, com a balança e a cornucópia. ..... —1

Constantino Magno

T. A. falta : IMPCONSTA NTINVSAVG. O seu busto com capacete e coiraça, à direita. Rv . (VICT) ?ORIA E LAETA E PRINC... Duas vitórias de pé, segurando um escudo por cima dum altar. Letras do escudo e do exergo apagadas (Tipo T. A. 2041). ..... —1

Constâncio II

T. A. 2188 v: Atrás do busto B . Rv. No campo, à esquerda, t e no exergo Rot. ..... —1

Magnêncio

T. A. 2227 V: Rv . VICTORIAEDDNNAVGETCAES, sem estreia no campo ;exergos RPL e apagados ..... — 3

Decêncio

T. A. 2231. V: Atrás de cabeça ⌐. ..... — 1

Constâncio Gallo

T. A. 2234 V: Sem letra atrás do busto. ..... — 1

Valentiniano I

T. A. 2250 ..... — 1

Graciano

T. A. 2268 — 4
T. A. 2269 e 2269 V: Rv. Exergos ASISC ., * ASISC, BSISC, LVCP, LVCP com S no campo, LVCS, LVCS com S no campo, PCON, SCON, SMAQP, SMAQS, SMRP, SMRQ, SMRT, SMTRP, SMTES com A no campo, SMTES com I no campo. SMTES com A no campo, TCON, exergos apagados (20) — 83 ..... — 87

Valentiniano II

T. A. 2276 V: Rv. Exergos (H ou M) ?TRP, SCON, SMAQ, SMRT, TCON, ...VCS, exergo apagado (3) — 12
T. A. 2277 V: Rv. Exergos * BSISC, BSISC * — 2
T. A. 2278 — 3
T. A. 2278 V: O busto corta a legenda em INI — ANVS. Rv. No no campo, apagados (10) — 14
T. A. 2278 V: O busto corta a legenda em INI — ANVS. Rv. No exergo SMAQP — 1 ..... — 32

Teodósio I

T. A. 2288 — 3
T. A. 2288 V; Rv. Exergos ALEA, ALEB, ANTA, ANT△, CONSA, CONSB, SMKA, SMKB, SMNA, apagados (6), SMHB e apagado (3) com estrela no campo — 62
T. A. 2289: Rv. Exergo apagado — 1
T. A. 2290 V: Rv. Exergos SMHA, SMNB, SMKT — 3
T. A. 2291 V: Rv. Exergos ANT△, ANT⌐, * ASISC, * BSISC, BSISC *, SMAQP, SMAQS, SMBC, SMH..., (S) ?MRC, SMRT, apagados (12), ...TES e no campo △, ...TES e no campo ⌐, ...S(P) ? e no campo S — 36
T. A. 2293 V: Rv. Exergos SMHA, SMKA, SMKB — 3 ..... — 108

Placilla

T. A. 2297 V: Rv. No exergo CONSE e no campo ⸸, à direita. — 1

Magno Máximo

T. A. 2300 — 7
T. A. 2300 V: Rv. Exergos LVCS, SCON, (SMRT) ?, SMTRP, TCON, exergo apagado (20) LVCS e no campo C, LVCS e no campo P — 49 ..... — 56

Honório

T. A. 2310 e V: Rv. Exergos ALEA, ANTA, ANT⌐, CONS△, SMKA, SMKB, SMNA, SMN⌐, apagado (3), SMHA e no campo uma estrela, SMHB e no campo uma estrela, apagado e no campo uma estrela, CONS△ e uma cruz de cada lado no campo, CONSB e no campo uma cruz de cada lado — 48
T. A. falta: DNHONORI VSPFAVG. O seu busto com diadema e paludamento, à direita. Rv. VIRTVS EXERCITI. O imperador de pé e de face, vestido à militar, com uma lança na mão direita e a esquerda sobre um escudo, é coroado por uma victória que tem uma coroa na mão direita; no exergo SMK (A ou B) ? — 1 ..... — 49

Arcádio

T. A. 2321 V: Rv. No exergo (SM) ?NB — 1
T. A. 2321 V: Rv. Sem estrela no campo e nos exergos ALE(B) ?, ANT△, ANTB, CONSA, CONSD, CONS⌐, SMKA, SMKB, SMK⌐, SMNB, apagado (2), CONS⌐ e no campo uma cruz de cada lado — 58
T. A. 2321 V: Busto pequeno sem cortar a legenda que é toda seguida. Rv. Exergo ALEA sem estrela no campo — 2 — 61
Possivelmente de Constâncio II — 3
Possivelmente de Magnêncio ou Decêncio — 1
Greciano, Valentiniano II, Teodósio I ou Magno Máximo — 19
Teodósio, Honório ou Arcádio — 8
Possivelmente de Arcádio — 2
Por classificar — 7 ..... — 40

443

As últimas 40 moedas estão muito gastas e assim não podem ser classificadas com a indispensável certeza.

Tem interesse registar vários factos:

— Nas moedas de Graciano (T. A. 2268), Teodósio I (T. A. 2291V) e Arcádio (T. A. 2321V) cujos exergos têm ANT△, ANTB e ANT⌐ aparece o busto do imperador com diadema de flores, com raras excepções;

— Nalgumas moedas de Teodósio I os diademas são muito diferentes, apresentando alguns um nó grande sobre a cabeça, perolados ou lisos;

— Em moedas semelhantes aparecem diferenças consideráveis de diâmetro (Magno Máximo), espessura (Teodósio I e Arcádio) e tamanho dos bustos (Valentiniano II, Teodósio I, M. Máximo, Honório Arcádio).

Mas de Magno Máximo há relação entre os diâmetros e as letras dos exergos;

— Por vezes os desenhos tanto das figuras como das letras são diferentes, podemos talvez dizer mais populares, místicos, em poucos exemplares principalmente de Graciano, Valentiniano II e Teodósio I, denotando cunhagens acentuadamente diferentes;

— Há poucas defeituosas, uma de Valentiniano II com o reverso descentrado, duas de Graciano com os cunhos sobrepostos e uma de Honório com o anverso HONRIVS;

— Estão muito bem conservadas todas as moedas de Honório T. A. 2310V, cujos exergos têm SMNA, SMKA e SMKB.

Por último notemos que, exactamente como agora, também nas moedas antes encontradas em Mata Lobinhos a maior quantidade era de Teodósio I — 180, e por ordem decrescente seguiram-se Graciano — 155, Arcádio — 93, Magno Máximo — 92, Honório — 85, e Valentiniano II — 61, o que nos dá uma ideia das percentagens de moedas dos vários imperadores que circulavam na Lusitânia, nesta época.

Coruche, 18 Setembro 1974

BIBLIOTECA

CATÁLOGOS DE VENDAS DE MOEDAS E DIVERSOS

Janeiro a Dezembro de 1973

— Selos & Moedas — Clube dos Galitos — Aveiro. N.os 39 a 42.
— Public Auction, Hans Schulman, New Iork — U.S.A. N.os de Janeiro a Outubro de 1973.
— Numismática — Giuseppe Toderi — Nápoles — Itália. N.os de Janeiro a Novembro de 1973.
— Numismática — Giuseppe de Falco — Nápoles — Itália. N.os de Janeiro a Dezembro de 1973.
— Le Club Français de la Médaille — Paris — França. N.os de Janeiro a Dezembro de 1973.
— A Medalha. N.os 7 a 17.
— Moeda — Volume I — N.os 1, 2, 3, 4, 5, 6 — Vol. 2. N.os 7 a 10.
— Moeda antiche e Decimali — Righi Ruggero — Nápoles — Itália. N.º 2 de1972.
— Monnaies — M. Emile Bourgey — Paris — França. N.º de Maio e Junho e Novembro.

OFERTAS PARTICULARES

— Do Sr. Eduardo Gonçalves Patrocínio
Catálogo presença BPM na Feira Internacional de Moedas — Tomar.
— Do Sr. Engenheiro Valdemar A. Cordeiro
Catálogo da Colecção Numismática da Fundação Eng.º António de Almeida
— Do Sr. José Oliveira de Sousa Nunes
Expo-Mome 73.
— Do Sr. Eng.º J. Ferraro Vaz
Livro das Moedas de Portugal.
— Do Sr. Filipe Mateu y Llopis
Homenage a Federico Navarro

INTERCÂMBIO

— De Óscar Rinaldi — Matnova — Itália
Numismática — N.º 4.
— De B. A. Seaby — Londres
Seaby's Coin & Medal — N.ºs de Janeiro a Novembro
— Da Sociedade Martins Sarmento — Guimarães
Revista de Guimarães — Vol. LXXXII — N.ºs 3-4 de 1972
— De Spink & Son Ldt. — Londres
The Numismatic Circular — N.ºs de Janeiro a Dezembro
— Catalogo Galerie Des Monnaies
— Da institucion Principe de Viana — Pamplona
Principe de Viana Ano 33 128-129 — Ano 34 130-131
— Da Câmara Municipal do Porto
O Sensual da Mitra do Porto
Boletim Cultural — Vol. XXXIV — Fasc. 1-2-3-4
— Da Fundação Calouste Gulbenkian — Lisboa
Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira
Voule XIII-1-2-3-4
— Da Fundação Calouste Gulbenkian — Lisboa.
Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira. Vol. XIII-1-2.
— Da Ceskoslovenská Akademie Ved — Praga
Neuerwrbene Romische
Slovenská Numizmatika II
— Da Junta Distrital do Porto
Revista de Etnografia N.º 32
— Da Sociedade Numiática de Puebla-Puebla — México
Monedas 53-54, 55
— Da Associacion Numismatica Española — Barcelona
Gacéta Numismatica N.º 27-28-29-30-31
— Da Universidade — Coimbra
Conimbriga Volume XI
— Da Universidade de Santiago de Compostela
IV Centenário de Os Lusíadas
El Domínio de San Martin Primari Ante la Desamortización — 1972
Galego — 2
— Da Sociedade Ibero-Americana de Estudos Numismáticos — Madrid
Nvmisma Ano XX — 102 a 107 — 1970 — Ano 108 a 113.
— Do Instituto Italiano de Numismática — Roma
Annali — 16-17

— Do Museum fur Hamburgische Geschichete — Hamburgo
Hambugger Beitrage zur Numismatik — 22/23 — 1968/69
De Polskie Towarzystwo Archeologiczne — Varsóvia
Wiadomosci Numizmatyczne — Vol. 2-60-3-61-4-62 de 1972-5-63-6-64
Polish Numismatic News — 11 — 1973
— De J. Vinchon & C.º — Paris
Médailles et Monnaies de Collection — Maio
Catálogo de Outubro
Monnaies — Dezembro
— De Jacques Schulman — Amsterdão
Coin and Medals — Catalogo N.º 256
— Da Sociedade Numismática Brasileira — São Paulo
Boletim de Numismática N.º 41

VIDA SOCIAL

Sócios admitidos de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1973

1316 — Helder Manuel Pinto Lima Duarte Costa — Engenheiro — Lisboa
1317 — António de Almeida Pereira — Barman — Lisboa
1318 — Ascenso Manuel Guimarães Barbosa — Estudante — Porto
1319 — Manuel Afonso Curado Tabaquinho — Comerciante — Estremoz
1320 — Manuel Fernando Mendes Raimundo— Fiel de Armazém — Lisboa
1321 — Américo José Sousa Rendeiro — Bancário — Porto
1322 — José do Carmo Pinto Lobão— Bancário — Porto
1323 — António Francisco da Silva — Cabo-de-Mar — Ministério da Marinha — Horta — Açores
1324 — António Pinto Sampaio — Estudante — Lisboa
1325 — Alcides Cabral Ferreira — Chefe de propaganda Médica — Lisboa
1326 — José Manuel Leal da Silva — Médico — Porto
1327 — António Ferreira Quintas — Engenheiro — Santarém
1328 — António Guedes Pereira Fonseca — Estudante — Pala — Douro
1329 — Hilário da Conceição Xavier Carlos — Profissional de Seguros — Porto
1330 — Adelino Martins — Serralheiro — Lavradio
1331 — José Henriques dos Santos — Bancário — Olhão
1332 — Fernando Ferreira Carvalho — Técnico de contas — Porto
1333 — Alfredo António Ribeiro dos Santos — Médico — Porto
1334 — Amândio Ferreira Secca — Engenheiro — Porto
1335 — Luís Miguel de Oliveira Feio de Azevedo — Estudante — Guimarães
1336 — Silvana Paulo Soares — Dona de casa — Porto
1337 — Simplício Bessa Monteiro — Empregado de escritório — Porto
1338 — José Luís Rodrigues Júlio Martins — Estudante — Linda-a-Velha
1339 — Jacinto Gomes Mendes Gonçalves — Viajante — Porto
1340 — Rui de Oliveira Pereira de Melo — Engenheiro-Electrotécnico — Porto
1341 — Armindo Augusto Lourenço — Comerciante — Luanda
1342 — Sebastião Martins Mourão — Engenheiro — Lisboa
1343 — Manuel dos Santos Neves Junior — Ferroviário — Sá da Bandeira — Angola

1344 — Joaquim Moreira Maia — Proprietário — S. Mamede do Coronado
1345 — José Maria Ferreira da Cruz — Funcionário administrativo — Paços de Ferreira
1346 — Alberto Mário Correia de Almeida — Estudante — Porto
1347 — Jorge Duarte Policarpo da Silva — Proprietário — Cascais
1348 — Alberto Oliveira Freitas — Empregado comercial — Porto
1349 — Virgílio Antunes Seisdedos — Prof. liceal — Ens. particular — Porto
1350 — Pedro Eugénio Pissarra Morais Gouveia — Biólogo — Sá da Bandeira — Angola
1351 — Laureano Manuel F. Sousa Almeida — Mecânico de voo — Ponta Delgada
1352 — José Ricardo Marques da Costa — Engenheiro-Mecânico — Lisboa
1353 — Vitor Manuel de Azevedo Duarte — Psicólogo — Lisboa
1354 — João Herculano de Freitas Silva — Comerciante — Funchal
1355 — Manuel Afonso Duarte Lopes — Estudante — Sandim — V. N. de Gaia
1356 — Mário Camões Praça — Empregado escritório — Porto
1357 — António Miguel — Gerente — Porto
1358 — Joaquim Guilherme de Matos — Sacerdote católico — Lisboa
1359 — Norberto Manuel Pereira Azevedo Rodrigues — Escriturário — Guimarães
1360 — José Alexandre Trigo Moutinho — Delegado de propaganda médica — Porto
1361 — Henrique Nuno Guerra Capelas — Estudante — Freixo Espada à Cinta
1362 — Henrique João Lucas Marçal — Estudante — Lisboa
1363 — João Francisco Santos Alves de Matos — Bancário — Lisboa
1364 — José António Cartaxo Vicente — Eng.º electrotécnico — Amadora
1365 — Fernando Oliveira Rego — Técnico de Contas — Paço de Arcos
1366 — Fernando Confraria Maranhão — Empregado comercial — Santarém
1367 — Maria Solange Fonseca Alves Ferreira — Dona de casa — Lisboa
1368 — José Manuel dos Santos Martins Tomada — Eng.º Electrotécnico — Carnaxide
1369 — Domingos José Fernandes Canela Lopes — Notário — Caldas da Rainha
1370 — João Luis dos Santos — Contramestre de Obras — Lisboa
1371 — António Carlos Peixoto del-Rio Soares — Contramestre de Obras — Rebelva - Carcavelos

1372 — José Fernando Branco Fernandes Travassos — Industrial — Monte Estoril
1373 — José Lago Vasconcelos Mota — Advogado — Lisboa
1374 — Custódio Alves Leite — Gerente — Porto
1375 — Victor Manuel P. Afonso Miranda — Técnico electrónico — Lisboa
1376 — António da Rocha Ferreira Marques — Industrial — Póvoa - Travanca
1377 — Wilson Santos Coutinho Faria — Empregado Comercial — Porto
1378 — Júlio Manuel Peixoto Gomes — Bancário — Lourosa - Feira
1379 — Fernando J. Almeida Amaro — Operador de Televisão — Lisboa
1380 — Mário Santos Pinheiro — Programador — Rinchoa
1381 — Narciso Coelho de Bessa — Sacerdote — Roriz - Santo Tirso
1382 — Alexandre Almeida Santos Júnior — Proprietário — Porto
1383 — Victor Gonçalves — Empregado de escritório — Lisboa
1384 — José da Horta Veiga — Oficial do Exército — Lisboa
1385 — Armando J. Brito Henriques — Negociante — Feijó-Cova da Piedade
1386 — Alberto Alçada — Industrial — Cacém
1387 — João Maria Alves Rodrigues — Func. da Caixa G. Depósitos — Lisboa
1388 — João Formosinho C. Melo Breyner Pereira — Médico Veterinário — Serpa
1389 — Victor Manuel Alves Rego Cochofel — Desenhador — Luanda
1390 — Victor Manuel Oliveira Morais — Promotor de Vendas — Luanda
1391 — Joaquim da Conceição — Assistente comercial — Luanda
1392 — Álvaro Tomé de Almeida Lopes — Administrador de Empresa —
1393 — Carlos Magalhães Coelho — Eng.º Civil — Nova Lisboa - Angola
1394 — João Pedro Maia e Silva — Empregado comercial — Amadora
1395 — António A. Magalhães Cunha Simões — Ajudante de Despachante — Porto
1396 — Casimiro Martins Dias de Sousa — Funcionário Corporativo — Porto
1397 — Manuel Tomás Bessa Menezes — Empregado de escritório — Lamego
1398 — Eduardo de Mascarenhas Corte-Real Graça — Gerente — Lisboa
1389 — Victor Manuel Alves Rego Cochofel — Desenhador — Luanda
1400 — Pompélio Lourenço Rosa Correia — Comerciante — Montijo
1401 — Óscar Manuel de Castro — Proprietário — Lisboa
1402 — José Heitor Pais Rovisco — Regente Agrícola — Souzel
1403 — António Araújo de Barros — Empregado de escritório — Funchal

1404 — Luís Serras Pereira — Comerciante — Lisboa
1405 — José Maria Pereira da Silva — Gerente — Lisboa
1406 — David Van Perry — Numismático — Estoril
1407 — João Manuel B. Santos Cardoso — Bancário — Porto
1408 — Camilo Augusto O. Carvalho Araújo — Estudante — Braga
1409 — José Maria Enes Epifanio — Agente Comercial — Porto
1410 — João Manuel de Brito Borracha — Proprietário — Loulé
1411 — Armando José Lopes — Ajudante de Despachante — Porto
1412 — Carlos de Paula e Melo de Sousa — Ajudante de Despachante — Porto
1413 — António Cardoso de Oliveira — Patrão de Costa do Quadro do Pessoal C. do Minist. Marinha — Porto
1414 — José Baptista Geraldes Negreiros — Proprietário — Porto
1415 — António de Almeida Dias — Engenheiro — Lisboa
1416 — Manuel Marques Cotovio — Industrial — Tomar
1417 — Domingos Jorge Gomes Lopes da Cunha — Empregado de Escritório — Seia
1418 — Manuel Cardoso Vilhena de Carvalho — Advogado — Pinhel
1419 — António Fernando da Rocha Macieira — Escriturário — Alferrarede
1420 — Artur da Silva — Industrial — Guimarães
1421 — Humberto Castelo Branco Trindade — Agente comercial — Lisboa
1422 — Rui da Costa Ramos — Gerente — Lisboa
1423 — José dos Santos Gonçalves — Industrial — Madrid — Espanha
1424 — Lúcio Augusto Carneiro — Debuxador — Porto
1425 — António Camoesas — Delegado de propaganda médica — Lisboa
1426 — Alfredo Martins Saramago — Empregado comercial — Lisboa
1427 — Eugénio da Fonseca Santos — Comerciante — Porto
1428 — Ramiro M. Cordeiro Fernandes Salgado — Engenheiro — Moncorvo
1429 — Adérito Nunes Ferreira — 1.º Comissário da P. S. P. — Rio Tinto
1430 — José Lopes Ferreira — Comerciante — Sertã
1431 — António Manuel Rodrigues Castro — Bancário — Lisboa
1432 — Artur António A. Moreira Pinho — Bancário — Lourenço Marques
1433 — Aprígio António Malveiro — Secretário da Câmara Municipal de S. Tomé — S. Tomé e Príncipe
1434 — Hostilio António Caissotti Rosa — Gerente Industrial — Ericeira
1435 — Francisco Duarte Pinto — Fiscal da Indústria Hoteleira — Porto
1436 — Rogério Santos de Abreu — Guarda-Livros — Caldas da Rainha

1437 — Manuel Henrique Carteado Mena de Matos — Func. Público — Estoril
1438 — José da Costa Veloso — Empregado de Escritório — Areosa-Porto
1439 — José de Pinho Branco — Bancário — Matosinhos
1440 — Armindo Nunes Paletta — Coronel Reformado — Lagos
1441 — António Ramos Bruno Couceiro — Estudante — Lisboa
1442 — Armando Aníbal de Sousa Fernandes — Comerciante — S. Mamede de Infesta
1443 — Luis Augusto de Magalhães Brito — Estudante — Porto
1444 — Gerald Anthony Smith — Engenheiro — Londres
1445 — Fernando Durval Soares Santos de Vasconcelos — Médico — Freamunde
1446 — António Baptista Carvalho Cardoso — Gerente Comercial—Lisboa
1447 — António Fernandes Cura — Médico — Lisboa
1448 — Augusto Soares Fonseca — Técnico de Contas — Porto
1449 — Artur Gonçalves — Director de Finanças — Leiria
1450 — João Gonçalves Estorrinho — Empregado de escritório — Portimão
1451 — José Lopes Gago da Graça — Médico — Lisboa
1452 — José Waldemar Carvalho Pinto — Controlador de Stoks — Porto
1453 — Manuel Arnaldo Vieira Martins Vidal — Solicitador — Porto
1454 — António Fernando Pereira Reis — Agente Comercial — Porto
1455 — Emídio Augusto da Silva Alves — Industrial — Porto
1456 — José da Paz Pereira — Médico — Lagos
1457 — José Manuel de Carvalho Fonseca — Delegado propaganda médica — Porto
1458 — Manuel Curado Barata — Agente Comercial — Espinho
1459 — António Manuel Carregal Corrêa da Silva — Industrial — Funchal
1460 — José Augusto Alves — Guarda-Livros — Bragança
1461 — Artur Gouveia de Lima — Proprietário — Porto
1462 — Manuel Jorge Saavedra de Sepúlvedra e Sampaio — Funcionário Público — Porto
1463 — António Albino da Cruz — Empregado de mesa — Vila Nova de Gaia
1464 — Abílio de Almeida — Bancário — Lourenço Marques - Moçambique
1465 — Camilo de Vasconcelos — Médico — Porto
1466 — Carl Ivan Yngstrom — Secretário — Suécia
1467 — Fernando José Júlio da Silva — 1.º Sargento reformado — Lourenço Marques — Moçambique

1468 — Aldino Nogueira Alves Bentes — Proprietário — Paços de Ferreira
1469 — Joaquim da Silva Raimundo — Industrial—S. Romão do Coronado
1470 — Reinaldo Almeirante — Comerciante — Vila da Feira
1471 — Armindo José dos Santos Cerqueira — Estudante — Porto
1472 — Manuel José Ribeiro — Proprietário — Lisboa
1473 — Joaquim Fernando Ralha — Topógrafo Geómetra — Porto
1474 — José Luciano Afonso e Cunha — Func. Corporativo — Lisboa
1475 — Victor Pedro Nunes Guerreiro — Médico — Torres Vedras
1476 — José Luís de Sousa Ruivo — Estudante — Porto
1477 — Luis Afonso Charlo Quesada — Intérprete — Lisboa
1478 — Nuno dos Santos Canavez — Comerciante — Porto
1479 — Lourenço Calisto Aires — Oficial do Exército — Lisboa
1480 — António Manuel de Sousa Jorge — Empregado de Escritório — Estoril
1481 — José da Graça Lopes Penha — Delegado de Propaganda Médica — Alcains
1482 — Loris Bellero — Industrial — Lisboa
1483 — Victor Henriques Lagoa — Comercialista — Cascais
1484 — Custódio Joaquim do Rosário Teixeira — Fiscal Técnico de 1.ª classe da C. R. Turismo — Faro
1485 — Jorge Rodrigues Freitas — Comerciante — Porto
1486 — Manuel da Silva Maia — Empregado Comercial — Porto
1487 — Maria Olga Portugal Xavier — Estudante — Porto
1488 — Victor Carlos Lobo dos Reis Canedo — Técnico Textil — Porto
1489 — Jorge Sales e Silva — Industrial — Braga
1490 — Manuel Alexandrino Rodrigues Delgado — Gerente Industrial — Porto
1491 — Amílcar Teixeira Matos — Agente comercial — Lisboa
1492 — Bernardo Pereira da Silva — Industrial de Automóveis — Lisboa
1493 — Domingos Pinto Mourão Correia — Comissário de bordo T.A.P. — Lisboa
1494 — Manuel Pereira Soares — Promotor de Vendas — Baixa da Banheira
1495 — António Alves da Mota — Comerciante — Caldelas
1496 — José Carlos Casal de Queiroz Baldo — Estudante — Monte Estoril
1497 — Arlindo Alves da Fonseca — Estudante — Porto
1498 — Fernando Marques Ferreira de Almeida — Comerciante — Porto
1499 — Nuno Vasco de Sousa Oliveira Teixeira — Estudante — Monte Estoril

1500 — Manuel da Silva Nogueira — Escultor — Senhora da Hora
1501 — António Augusto Queiroz — Caixeiro Viajante — Porto
1502 — Maria Filomena de Mesquita Ribeiro Matos — Empregada de Escritório — Espinho
1503 — Núcleo Filatélico e Numismático do Concelho da Covilhã — Covilhã
1504 — Victor Paulo Gomes — Empregado de Comércio — Larangeiro
1505 — José Fernandes Segura Nogueira — Barbeiro — Patacão — Faro
1506 — Vasco Eugénio Ferreira dos Reis — Técnico de Publicidade — Porto
1507 — Adriano Azevedo Moreira — Comerciante — Porto
1508 — Manuel Rodrigues da Silva — Empregado da Indústria Hoteleira — S. João da Madeira
1509 — Jorge Fernandes Almeida — Ourives — Lisboa
1510 — Carlos Alberto Pereira Gonçalves — Aposentado — Porto
1511 — Fernando Marques Guedes — Empregado de Navegação — Porto
1512 — José Dias de Carvalho — Proprietário — Damaia
1513 — Alexandre José Sarsfield Rodrigues — Reverificador Chefe — Porto
1514 — Francisco José Monteiro — Empregado de Escritório — Porto
1515 — João Teotónio do Nascimento Corujo — Oficial do Exército — Amadora
1516 — José do Nascimento Gonçalves — Professor — Vila da Feira
1517 — Amadeu Lopes Teixeira — Mecânico de automóveis — Almada
1518 — Norberto José Pinto Lopes Martins — Delegado de Propaganda Médica — Praia da Aguda
1519 — António Moreira — Aposentado — Ermesinde
1520 — Angelo Manuel Albergaria Pacheco — Oficial do Exército — S. Miguel - Açores
1521 — Júlio Cardoso Coelho — Professor — Lamego
1522 — Júlio Camanho dos Santos Carvalho — Comerciante — Porto
1523 — Virgílio Augusto Duarte Pinto — Professor — Lisboa
1524 — Álvaro Luis — Industrial — Lisboa
1525 — Luis Alberto Nobre Piteira— Comerciante — Amadora
1526 — Fernando António Henriques — Ass. Tec. Telecomunicações — Sintra
1527 — António Ferreira Loureiro — Inspector de Seguros — Lisboa
1528 — Luis Alberto Lopes Sáragga Leal — Advogado — Lisboa
1529 — José Lino Pinto de Sousa — Gerente Comercial — Lisboa
1530 — Francisco Jorge da Cruz Dourado — Estudante — Paço de Arcos

1531 — Rui Oscar de Freitas Barbosa — Engenheiro Civil — Lisboa
1532 — João Duarte Silva Figueiredo Gaspar — Major — Lisboa
1533 — Alberto Pinto da Silva —Presbítero— Marco de Canaveses
1534 — Jorge Noya — Bancário — Porto
1535 — Joel de Macedo Marques — Bancário — Sever do Vouga
1536 — Aires Sargento Rodrigues Inácio — Regente Agrícola — Sever do Vouga
1537 — Carlos da Mota Martins — Comerciante — Porto
1538 — Francisco de Oliveira Carvalho — Escriturário — Porto
1539 — José Carlos Bernardo — Viajante — Porto
1540 — Artur Margarido Xandre — Fiscal — Luanda Angola
1541 — Anson Blake Tacher — Agricultor — Sta. Barbara, Calif. U. S. A.
1542 — Hamílton Manuel de Oliveira Marques Maio — Praticante Despachante — Vila Nova de Gaia
1543 — Arlindo Dias Marques — Agente Comercial — Lisboa
1544 — Celestino José Perez Avila — Empregado de Mesa — Amadora
1545 — Alexandrino Cardoso Soares — Industrial — Oliveira do Douro
1546 — Raúl Goulart de Ávila — Conservador do Registo Predial — Lisboa
1547 — José Lencastre Teixeira da Mota — Proprietário — Lisboa
1548 — Mário de Sousa Maia — Engenheiro — Espinho
1549 — Ruth Anabela Cabral Baptista — Empregada de Escritório — Lisboa
1550 — Casimiro Augusto Tavares e Silva — Funcionário do Posto Experimental de Montalegre — Montalegre
1551 — Augusto Gonçalves de Sousa — Chefe de Serralharia — Lisboa
1552 — Octávio Luis da Costa Franco — Bancário — Ermesinde
1553 — Mário Fernando Carvalho Pinto — Controlador — S. Mamede de Infesta
1554 — Hermínio Jorge Correia Garrido — Delegado Comercial — Porto
1555 — Eduardo Machado Pinto — Chefe de Secção do I.N.T.P. — Setúbal
1556 — Clube Naval Povoense — Póvoa de Varzim
1557 — Alfredo de Almeida e Sousa — Industrial — Lisboa
1558 — João António Rebocho Nabais — Professor — Vila de Rei - Beira Baixa
1559 — Armindo Henriques Vaz de Miranda — Secretário C. C. Navegação — Agualva - Cacém
1560 — António do Nascimento Silva Morais — Func. Público — Angola
1561 — António Joaquim Dias Costa dos Santos — Praticante Despachante — Vila Nova de Gaia
1562 — José Gonçalves Pereira — Gerente Industrial — Ponte da Barca

1563 — Maria Celeste Gaspar Nunes de Freitas Barbosa — Engenheira — Luanda
1564 — José Marques de Oliveira — Empregado Comercial — Lobito — Angola
1565 — Arménio Fernandes dos Santos — Empregado de Escritório — Oliveira de Azemeis
1566 — António Luis dos Santos Leal — Func. Administrativo — Cascais
1567 — Artur Ribeiro dos Santos — Engenheiro — Porto
1568 — Salvador Araújo Carneiro — Filósofo — Porto
1569 — Carlos António Lestro — Comerciante — Lisboa
1570 — José Júlio dos Santos Vassalo — Administrador de Empresa — Estoril
1571 — Francisco d'Assis Vidigal da Costa Cascais — Empregado de Escritório — Amadora
1572 — Luís Paulino Alves — Tesoureiro da F. Pública — Móra
1573 — José Asdembal de Oliveira — Industrial — Caldelas
1574 — Jaime Manuel dos Santos Costa Sampaio — Profissional de Seguros — Guimarães
1575 — Angel Giráldes Paz — Comerciante — Lisboa
1576 — Angelo Castanheira de Brito Xavier — Agente Comercial — Massamá
1577 — António Miguel Forjaz Pacheco Trigueiros — Engenheiro — Lisboa
1578 — Joaquim Borges Quintela — Comerciante — Marinha Grande
1579 — José Augusto Carrapatoso Ferreira — Ourives — Porto
1580 — Manuel de Sousa Tacha — Técnico de Desenho — Maia
1581 — D. Ana Maria Martins — Proprietária — Mogadouro
1582 — Carlos Alberto de Almeida Gonçalves — Piloto de Barra — Almada
1583 — Henrique Augusto Moreira Brandembourg Ramos — Empregado de Comércio — Lisboa
1584 — Fausto Pereira Guimarães — Funcionário da Casa do Douro — Pêso da Régua
1585 — António Cesar Guedes — Comerciante — Oliveira de Azemeis
1586 — Anabela Maria Mourato Cardoso — Gerente Comercial — Sesimbra
1587 — Luiza Maria Salema Cordeiro — Doméstica — Castelo de Vide
1588 — Jorge Fonseca Gomes da Silva — Estudante — Lisboa
1589 — Fernando Soares Ferreira — Enfermeiro— Porto
1590 — Mário Augusto Pinheiro Queimado — Comerciante — Évora
1591 — Raúl Rodrigues Morgado — Gerente Comercial — Algés
1592 — Bernardino José da Costa — Func. Administrativo — Mafra

1593 — Paulo Serra — Estudante— Lisboa
1594 — Francisco Xavier Onofre Saez Salgado — Estudante — Caldas da Rainha
1595 — Augusto César Alberto de Seabra — Director da Cadeia Central do Norte — Porto
1596 — Carlos Alberto da Silva Cebola — Preparador nos T.A.P. — Lisboa
1597 — Armindo da Costa Perdigão — Func. de Finanças — Calulo - Angola
1598 — Rui Manuel Freitas da Silva Bertão — Aspirante — Luanda
1599 — Joaquim da Silva Prado — Professor — Évora
1600 — José Covas Trindade — Ajudante de Despachante Oficial — Lisboa
1601 — José Alexandre de Azevedo Vasconcelos e Sá Jorge de Figueiredo — Médico — Lisboa
1602 — José Ferreira Maia — Industrial — V. N. de Famalicão
1603 — António José Gomes Araújo — Empregado de Armazém — Trofa
1604 — António Gonçalves de Sousa — Industrial — Lisboa
1605 — João Filipe Pereira Rosa Abrantes — Bancário — Santarém
1606 — António Manuel Crujo Polido — Bancário — Lourenço Marques — Moçambique
1607 — Francisco Alfredo Marques Pereira da Nova — Empregado de Escritório — Mindelo - Vila do Conde
1608 — Joaquim Orlando da Rocha Sousa Castro — Contabilista — Carcavelos
1609 — Joaquim Marques Cardoso — Cabeleireiro — Porto
1610 — Francisco Bento Veiga Mendão — Despenseiro da Marinha Mercante — Azeitão
1611 — Joaquim António Oliveira da Silva — Aposentado — Barreiro
1612 — Júlio Alves — Comerciante — Lisboa
1613 — José Mendes Marques — Oficial da Marinha Mercante — Lavradio
1614 — Maria Adélia Leal Alves Barros de Almeida — Dona de Casa — Valadares
1615 — Manuel de Jesus Domingos — Func. C. G. Depósitos — Leiria
1616 — José Vilhena de Carvalho — Advogado — Rio de Janeiro
1617 — José Goularte de Ávila — Engenheiro — Luanda - Angola
1618 — Nuno Álvaro Pereira Crato— Professor — Lisboa
1619 — Germano Trindade de Freitas Lopes — Comerciante — Nova Lisboa - Angola
1620 — Álvaro José de Oliveira — Func. Público — Mirandela
1621 — António de Sousa Queiroz — Industrial — Porto

1622 — Maria Fernanda Magalhães Rodrigues de Magalhães — Dona de Casa — Porto
1623 — Henrique Carneiro Alegria — Vendedor de Automóveis — Porto
1624 — Domingos da Silva Cruz — Tintureiro — Areosa - Porto
1625 — Leonor Maria Cardoso Loureiro Reis— Escriturária — Porto
1626 — Francisco Manuel da Fonseca Cardoso — Empregado de Escritório — Santo Tirso
1627 — João Salvador Marques da Silva Júnior — Médico — Lisboa
1628 — Jorge Reis da Costa — Engenheiro — Porto
1629— Carlos Guerreiro — Engenheiro — Porto
1630 — Luis Martins — Func. Corporativo — Lisboa
1631 — António Félix Vaz — Empregado de Escritório — Lisboa
1632 — Rufino da Paixão Rua — Gerente Comercial — Porto
1633 — Francisco António de Aguilar de Azevedo Machado — Engenheiro — Porto
1634 — José Adelino Dias da Costa — Comerciante — S. Mamede de Infesta
1635 — Ludgero Sousa Silva Lourenço — Electrotécnico — Buraca
1636 — Hermínio Francisco Barbosa Coelho Sousa — Estudante — V. N. de Gaia
1637 — Maria da Glória Lisboa Silva Lopes — Func. Pública — Porto
1638 — Eduardo Lúcio dos Santos — Professor — Gondomar
1639 — Álvaro J. Pinto de Abreu — Cap. Marinha Mercante — Lisboa
1640 — Carlos Gustavo Gonçalves Wald — Analista de Estudos — Foz do Douro
1641 — Horácio Luís Brito Carvalho — Gerente — Covilhã
1642 — Adérito Gomes Parente — Industrial— V. N. de Gaia
1643 — José Freitas da Costa — Emp. C. G. Depósitos — Porto
1644 — José E. Nunes de Araújo — Emp. C.G. Depósitos — Porto
1645 — Casimiro Martins Neves Cabaço — Engenheiro — Lisboa
1646 — José António Rodrigues Proa — Profissional de Seguros — Lisboa
1647 — Élio Monteiro de Figueiredo — Empregado escritório — Sever do Vouga
1648 — António da Cruz — Gerente — Lisboa
1649 — Manuel Alberto Sobrinho Simões — Médico — Porto
1650 — Luís Manuel Gago Leal — Estudante — Lisboa
1651 — João G. Lopes Correia — Comerciante — Miramar
1652 — José Borges Gonzalez — Médico — Porto
1653 — Rui M. Barata Dinis — Agente comercial — Torres Vedras

1654 — José Joaquim de Oliveira — Empregado escritório — Ponta Delgada
1655 — António de Sousa Reis — Viajante — S. Mamede de Infesta
1656 — José Manuel Barbosa Pinto — Func. Público — Porto
1657 — José Pereira de Sousa Lopes — Industrial — Rio Tinto
1658 — José Antunes — Tipógrafo — Tomar
1659 — António Manuel Massa Taborda — Estudante — Freixo de Espada-à-Cinta
1660 — Carlos Eduardo M. Almeida Viana Lopes — Tesoureiro da Fazenda Pública — Oliveira de Azemeis
1661 — João da Silva Bentes — Of. da Marinha Mercante — Olhão
1662 — Diogo Rafael S. Rebelo da Gama Higgs — Of. da armada — Lisboa
1663 — Casimiro Faustino Dias — Tradutor Locutor da E. N. — Lisboa
1664 — Luís António S. Paes Oliveira — Emp. comercial — Luanda
1665 — Florindo José Fandinga Vila-Viçosa — Comerciante — Évora
1666 — Albertini M. Coelho da Silva — Comerciante — Ovar
1667 — Daniel Pedro Silva Coelho — Escriturário -Ul — Oliveira -d'Azemeis
1668 — Luís António M. Casanova Ferreira — Of. Exército — Lisboa
1669 — Ilídio A. Trigo Barreiras Pinto — Estudante — Porto
1670 — Maria Ascenção Lopes Antunes — Dona de Casa — Porto
1671 — José Gomes Bareira — Emp. Admin. Imprensa — Porto
1672 — Jaime Joaquim da Silva Ferreira — Gerente — Porto
1673 — António Moura Batista — Industrial — Tortosendo
1674 — Agostinho Filipe de Sousa — Chefe Contabilista — Guimarães
1675 — Parcídio Lopes Campos e Matos — Engenheiro — Porto
1676 — Alberto Augusto de Oliveira — Func. Público — Porto
1677 — Germano da Cruz Torrado — Admin. de Empresa — Carcavelos
1678 — Joaquim Aniceto Xavier Correia de Carvalho — Industrial — Castelo de Vide
1679 — Décio Cardoso Lemos — Comerciante — Espinho
1680 — António José Guerreiro Cepa — Empregado escritório — Caminha
1681 — Eduardo Armando Moura de Sá — Bancário — S. Martinho Bougado - Trofa
1682 — José Domingos Liberal Ferreira — Estudante — Bragança
1683 — Luís Xavier de Basto Ucha Lopes — Economista — Parede
1684 — António Paulino de Melo — Comerciante — Lisboa
1685 — Joaquim Manuel de Brito Viegas — Func. C. G. Depósitos — S. Braz de Alportel

1686 — Francisco António Nunes Carreteiro — Ofic. Mar. Mercante — Lisboa
1687 — José Joaquim Gonçalves — Empreg. Comercial — Porto
1688 — Ilídio Pereira César — Guarda Fiscal — Ponta Delgada - Açores
1689 — António José Barbosa de Oliveira — Engenheiro — Porto
1690 — José João Domingos Ribeiro Clemente — Experimentador Chefe do Labor. N. Eng. Civil — Lisboa
1691 — João C. dos Santos C. Martins — Engenheiro — Lisboa
1692 — Carlos A. M. Morgado Barbosa — Func. Público — Loures
1693 — Mário Jorge E. Gonçalves — Vice-Presidente da Caixa de Previd. — Porto
1694 — Mário Costa e Cruz — Regente Agrícola — Covilhã
1695 — José Paulino P. Rocha — Médico — Coimbra
1696 — Mário da Silva e Sousa — Industrial — Leça da Palmeira
1697 — Manuel Vicente Madeira — Prof. Seguros — Castelo Branco
1698 — João Augusto Marques — Relojoeiro — Santarém
1699 — Emanuel Lima da Silva — Farmacêutico — Sertã
1700 — Mário Fernando Aleixo — Engenheiro — S. Mamede de Infesta
1701 — Agostinho Correia de Sousa — Advogado— Viana do Castelo
1702 — Henrique Moreira da Cruz — Empregado comercial — S. João da Madeira
1703 — João Carlos do Carmo Beatriz — Chefe de escritório — Lisboa
1704 — Mário da Conceição Antunes — Bancário — Lisboa
1705 — Leonel Vellez de Ceia de Sande Freire — Bancário — Lisboa
1706 — Peter Konrad de Almeida Roseler — Empreg. C. G. Depósitos — Porto
1707 — Francisco Assis B. Machado Bettencourt — Proprietário — Açores
1708 — Jorge Almeida Silveira Fagundes — Motorista — S. Jorge-Açores
1709 — Joaquim J. Barros C. Rosário — Estudante — Setúbal
1710 — António da Costa — Comerciante — Bombarral
1711 — Jorge Diniz — Técnico de Contas— Funchal
1712 — Carlos Taveira de Oliveira — Gerente Comercial — Porto
1713 — Manuel Raúl Fernandes — Func. Público — Alfragide
1714 — Orlando da Fonseca Fernandes — Analista — Lisboa
1715 — Laurindo Adélio dos Santos Garcia — Médico — Lourenço Marques - Moçambique

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas
RAMOS DOS SANTOS & C.A, L.DA
Rua Visconde de Setúbal, 134 — Porto